

Setembro 2019



CONSELHO DIRETOR NACIONAL

Cláudia Aparecida e Eduardo F. Firmiano
Deise e Raimundo Fonseca da Silva
Maria Lúcia e Waldir Leandro de Paula
Vilma e Roseneo Olizete Jorge
Rosana e Rubens de Oliveira Carvalho

CONSELHO EDITORIAL

Arlete e João Borges
Marisa e Galdino Ulysses
Jesuliana do Nascimento Ulysses
Marly e Jose Maurício Guedes
Rita e Luiz Carlos Torres Martins
Raquel e Ronaldo Nascimento
Terezinha e Oscavo Homem de C. Campos
Rosana e Rubens de Oliveira Carvalho
Arte e diagramação Anderson Nogueira
amarartesvisuais@gmail.com e João Borges
Circulação restrita sem fins comerciais

SUMÁRIO

COMUNICAÇÃO

Consenso e conflito na mídia 21
Frei Betto

ECONOMIA

A felicidade traz prosperidade 11
Suzana Kahn

Não ame seu trabalho 37
Rodrigo Zeidan

EDUCAÇÃO

Educar tem capacidade de transformar o ser humano 33
Kátia Rúbio

Alerta sobre o ensino público superior no Brasil 15
Oscavo Homem C. Campos

FILOSOFIA

A vida 13
Bert Hellinger

INSTITUCIONAL

Amendo e socorrendo 4
Luiz Carlos T. Martins
PNFD - Tema 2 - Mód. 6 28
Coord. De MG

Homenagem a ex-coordenador nacional 57

MEIO AMBIENTE

O primeiro dia do resto de nossas vidas 42
José E. Aqualusa

POLÍTICA

Democracia liberal sob ataque, a voz do medo 23
Claudia Costin

RELACIONAMENTO

Os esposos que se amam 47
Deonira Viganó La Rosa

Sobre crises conjugais 62
Márcio G. Fonseca

RELIGIÃO

A espiritualidade de Teilhard du Chardin 6
Ursula King

Medellin 1968, quando a Igreja virou fonte 51
Maria Clara Bingemer

E a vida? 25
Igreja em marcha

SOCIEDADE

Matamos uma geração 35
Cristiane Galdino

Um país de morte 59
Vinicius T. Freire

Os diferentes na sexualidade 44
Fátima Fontes

Papa adota o conceito de soberania alimentar em palestra na FAO 49
Papa Francisco

O país que queremos 39
Oded Grajew

Caso Kiss: uma busca permanente por justiça 17
Daniela Arbex

Estados soberanos 54
Tarcisio Delgado



AMANDO E SOCORRENDO

Tanto o TEMA quanto o LEMA adotados como motivadores do 20º ENCONTRO NACIONAL do MFC nos proporcionam uma dimensão desafiadora para a aplicação dos mesmos em nosso dia a dia. O TEMA - O MFC E SUAS PRÁTICAS HUMANIZADORAS nos coloca, como MEFECISTAS, numa situação de uso de camisas com mangas curtas ou compridas.

O significado que desejamos dar no uso de camisas de mangas curtas é exatamente o mesmo do dito popular "é hora de arregaçar as mangas e ir à luta". Isto é, fazer valer as nossas práticas HUMANIZADORAS enquanto comprometidos com o oferecimento de nosso trabalho na edificação do REINO, disponibili-

zando nossa humanidade com um abraço de acolhimento e um ombro de sustentação aos desumanizados, reerguendo suas forças, elevando sua auto estima, consolidando sua FÉ e fazendo renascer a ESPERANÇA. É a prática do MFC, é a nossa prática.

Àqueles que não arregaçam as suas mangas, deixando-as compridas para que cubram as suas omissões, escondam os braços inoperantes que nada constroem, mãos não estendidas aos que desejam uma "pitada" de humanismo não temos como colocá-los como "OPERÁRIOS DA MESSE", se auto satisfazem com teorias apenas, esquecendo-se que os desafios do Evangelho de Jesus Cristo nos convoca para ações concretas na feitura de

um MUNDO MENOS INFELIZ para muitos de nossos irmãos empobrecidos e desumanizados. A FÉ exige como complemento OBRAS.

Por outro lado, o LEMA "NÃO É O QUE VOCÊ FAZ, MAS QUANTO AMOR VOCÊ DEDICA NO QUE FAZ É O QUE REALMENTE IMPORTA" (Santa Madre Tereza de Calcutá) nos alerta para que nossas ações sejam despidas de vaidades e preconceitos.

Em toda parte se encontram homens e mulheres caídos à margem da vida e da dignidade. São seres humanos açoitados pelo desemprego, pela falta de moradia, de escola e de saúde. São seres humanos feridos e machucados, entregues ao desânimo e

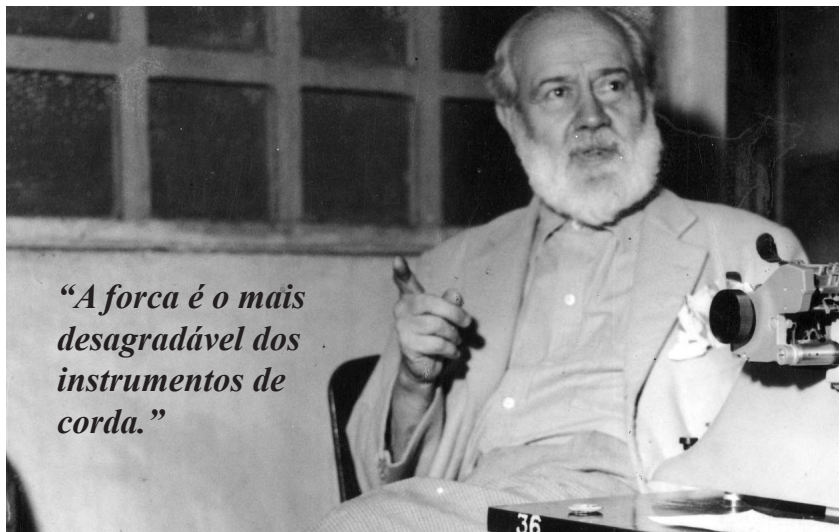
à solidão, aguardando alguém que lhe abra o coração e se compadeça, proporcionando uma vida honrada e saudável. (Frei Venildo Trevizan)

Apesar disso, existem homens e mulheres de coração generoso e procurando oportunidade de praticar o bem, de salvar vidas e garantir alegria e bem estar. Querem praticar a generosidade. Querem um mundo melhor, querem uma sociedade mais humana e um AMOR mais concreto.

AMANDO E SOCORRENDO, o MFC vai exercendo suas PRÁTICAS HUMANIZADORAS com elevadas doses de AMOR. É o que REALMENTE IMPORTA

Luiz Carlos Torres Martins – MFC
Juiz de Fora – Equipe Base 08

Sabedoria sarcástica do Barão de Itararé



“A força é o mais desagradável dos instrumentos de corda.”



A espiritualidade segundo a visão de Teilhard de Chardin - 7

Ursula King*

A PLENITUDE DO CRISTO UNIVERSAL

Encontramos uma rica teologia do corpo de Cristo na obra de Teilhard, que merece um estudo mais detalhado. Só posso mencionar alguns aspectos aqui. O corpo de Cristo tem vários significados diferentes nos escritos de Teilhard. Pode-se referir à pessoa do Jesus de Nazaré, mas é também um corpo que forma um centro pessoal para a humanidade e o mundo material. É um centro orgânico, físico, um elemento crístico em todas as coisas, de modo que tudo pode ser uma abertura, uma oportunidade para uma revelação de Cristo a

nós. Uma análise pormenorizada da concepção teilhardiana de Cristo foi feita por Christopher Mooney, em 1966, em seu livro *Teilhard de Chardin and the Mystery of Christ* [Teilhard de Chardin e o mistério de Cristo]. Mooney avaliou o pensamento de Teilhard como um possível catalisador para ulteriores desenvolvimentos no campo da cristologia, o que ainda não ocorreu.

Dezesseis anos depois, em 1982, James A. Ivons publicava um estudo comparativo, *The Cosmic Christ in Origen and Teilhard de Chardin* [O Cristo cósmico em Orígenes e Teilhard de Chardin]. Esse trabalho oferece elementos particularmente valiosos para

uma ulterior reflexão cristológica, por reconstituir a terminologia do Cristo cósmico desde a era patrística até a era moderna. Ambas as visões do Cristo cósmico, tanto a de Orígenes como a de Teilhard, baseiam-se no Novo Testamento, mas Orígenes deu um tratamento platonizante ao tema, ao passo que Teilhard o abordou em termos evolutivos, permitindo novos desdobramentos cristológicos que os teólogos ainda não reconheceram. Esse desenvolvimento, no entanto, é urgentemente necessário à luz da moderna ciência, sobretudo se se levar em consideração o atual conhecimento da cosmologia e da biologia evolutiva. Lyons conclui que o surgimento da linguagem do Cristo cósmico introduziu uma nova percepção da questão no debate cristológico, questão que a seu ver é legítima, necessária e continua em abato: "Legítima não só porque se baseia em dados escriturísticos e prolonga certas preocupações suscitadas pelas tradições teológicas do passado; também constitui o ponto em que as visões contemporâneas do universo exercem impacto sobre a fé cristã. É uma questão necessária porque dá suporte à crença cristã de que, por mais vasto e estranho que o universo possa vir a ser, é Cristo que está no centro de tudo. É uma questão em aberto por-

que o ensinamento da Igreja mal começou a se preocupar com o Cristo cósmico"

Teilhard expressou a visão do Cristo como o centro de todo desenvolvimento e crescimento em seu primeiro ensaio de 1916, em que escreveu:

E desde que Jesus nasceu, que terminou de crescer e que morreu, tudo continuou a se mover, porque Cristo não acabou de se formar. Ele não reconduziu a si as últimas dobras de sua Veste de carne e de amor que lhe formam os seus fiéis. O Cristo místico não atingiu seu pleno crescimento, nem portanto o Cristo cósmico.

Um e outro, ao mesmo tempo, são e se tornam; e no prolongamento dessa geração está colocada a mola última de toda atividade criada. Cristo é o termo da evolução, mesmo natural dos seres; a evolução é santa.

Essa passagem mostra claramente como o Jesus humano se transforma no Cristo cósmico e místico, e como todos os seres, todo o devir evolutivo, são incorporados a ele. Como mencionei de início, Teilhard não estava fundamentalmente interessado pelo Jesus humano, a pessoa histórica nascida na Palestina há cerca de dois mil anos. Como escreveu a um de seus amigos em 1926:

Não gosto daquele evangelismo que se limita à glorificação das qualidades puramente humanas ou morais de Jesus. Se Jesus não fosse mais do que “um pai, uma mãe, um irmão, uma irmã” para nós, eu não teria necessidade dele; e, em certo sentido, o passado não me interessa. O que “peço” de Cristo é que seja uma Força imensa, presente, universal, tão real (mais real) quanto a Matéria, que eu possa adorar; em resumo, peço-lhe que seja para mim o Universo: completo, concentrado e capaz de ser adorado. Por isso, embora reconheça o valor insubstituível dos três primeiros evangelhos ao apresentar os primórdios reais e históricos de Cristo... prefiro São João e São Paulo, que realmente apresentam, no Cristo ressurrecto, um ser tão vasto quanto o Mundo de todos os tempos. Você já leu, por exemplo, o começo da Epístola aos Colossenses (1,12-23), procurando dar o sentido completo e orgânico que o texto requer? Ali Cristo aparece como uma verdadeira alma do Mundo. Só por isso o amo.

Teilhard escreveu essas palavras em uma carta enviada da China para Ida Treat, datada de 30 de outubro, 1926. Já em 1918, dera a um de seus ensaios o título de “The Soul of the World” [A alma do mundo], em que se refere à sua alma como uma realidade dis-

tinta, entendida como um centro imanente e foco de energia para o mundo. Sentia que tal alma deveria ser vivida e concreta, mesmo para aqueles que não acreditam em Cristo, muito embora, para ele, essa alma esteja ligada a “um elemento cósmico divinizado por Cristo”. A partir de 1920, Teilhard passa a aludir ao “Cristo universal”, por ele concebido como “o centro orgânico de todo o universo”, um centro “não apenas de esforço moral e religioso, mas de todo crescimento físico e espiritual”.

Critica os teólogos por não reconhecer “o primado do orgânico sobre o jurídico” e por interpretar o “corpo místico” em um sentido mais analógico do que realista. Faz referência a uma longa série de textos joaninos e paulinos no Novo Testamento em que a “supremacia física de Cristo sobre o universo é magnificamente expressa”, de modo que só “as mentes tímidas se esquivam do impressionante realismo dessas reiteradas afirmações”. O “Cristo teândrico” de Paulo toma-se, para Teilhard, o Cristo cósmico, o centro supremo da consistência espiritual de todo o universo, presente como um elemento universal e encarnado por todo o mundo: “A presença do Verbo Encarnado penetra todas as coisas como um elemento universal.” Brilha no coração comum das

coisas como um centro que lhes é infinitamente íntimo e ao mesmo tempo... infinitamente distante. Anos mais tarde, ele dará a esse elemento o nome de "Super-Cristo", não no sentido de outro Cristo, mas como um termo "para expressar o excesso de grandeza assumida em nossa consciência pela Pessoa de Cristo, em consonância com o despertar de nossas mentes para as superdimensões do mundo e da humanidade".

Esse é o "Cristo Evolutivo" – não o Cristo Rei e Mestre, cujo poder universal sobre a criação é visto basicamente em termos extrínsecos e jurídicos, mas um Cristo que "física e literalmente... preenche todas as coisas: em momento algum do mundo, qualquer elemento seu se moveu, se move ou se moverá fora do fluxo direto em que Cristo o inseriu". É Cristo quem consoma o mundo e realiza sua plenitude final. Todas as linhas estruturais do mundo convergem para si, e "é ele quem dá sua consistência a todo o edifício da matéria e do Espírito". Portanto, para Teilhard, "a luz de Cristo, longe de eclipsar-se pela crescente inteligência das ideias do futuro, da pesquisa científica e do progresso, adquire proeminência como o verdadeiro núcleo central destinado a sustentar seu ardor".

O Cristo universal é, para Teilhard, "uma síntese de

Cristo e do universo"; não uma nova divindade, mas um inevitável desenvolvimento do mistério da encarnação, reinterpretado à luz da ciência moderna. Ele escreve:

Se nós, cristãos, desejamos reter em Cristo as verdadeiras qualidades sobre as quais seu poder e nossa adoração se baseiam, não temos alternativa melhor – não temos mesmo outra alternativa – senão aceitar inteiramente os conceitos mais modernos de evolução. Sob a pressão combinada da ciência e da filosofia, estamos sendo forçados, experiencial e intelectualmente, a aceitar o mundo como um sistema coordenado de atividade que gradualmente se eleva em direção à liberdade e à consciência. A única maneira satisfatória de interpretar esse processo... é considerá-lo como irreversível e convergente. Portanto, diante de nós, um centro cósmico universal está se definindo, no qual todas as coisas alcançam seu termo, no qual tudo é explicado, sentido e ordenado. Portanto, é nesse polo físico de evolução universal que devemos, a meu ver, situar e reconhecer a plenitude de Cristo. Pois em nenhum outro tipo de cosmos e em nenhum outro lugar pode qualquer ser, independentemente de quão divino seja, realizar a função de consolidação e

de animação universais que o dogma cristão atribui a Cristo. Por meio da revelação de um cume mundial, a evolução possibilita Cristo, exatamente como Cristo, por conferir sentido e direção ao mundo, possibilita a evolução.

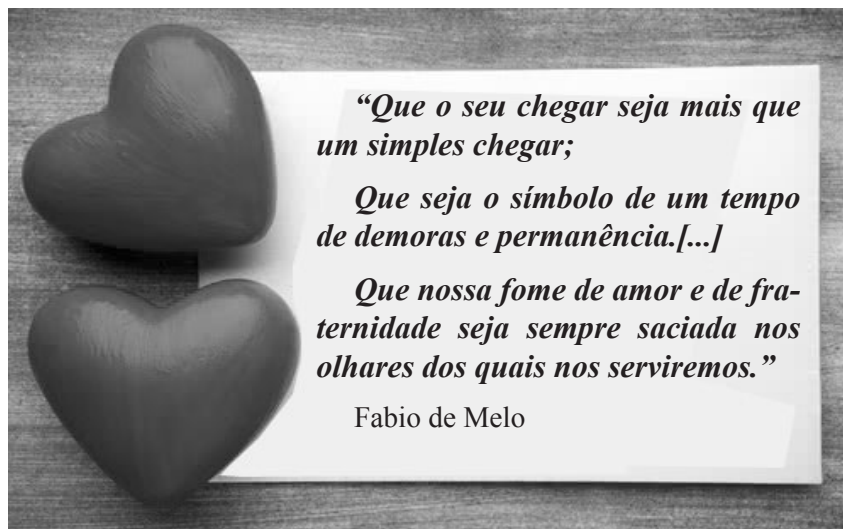
O pleno reconhecimento e aceitação do Cristo universal requer uma nova orientação e reinterpretação teológica do cristianismo, ou o que Teilhard às vezes chama de "neocristianismo". Mas um Cristo renovado pelo contato com o mundo moderno ainda é o mesmo Cristo, como o Cristo dos evangelhos; é, na verdade, um Cristo ainda maior. Referindo-se a seu posicionamento, Teilhard comentou: "Tenho sido repreendido por ser inovador. Na verdade, quanto mais penso nos magníficos

atributos cósmicos prodigalizados por são Paulo acerca do Cristo ressurrecto; quanto mais considero o significado magistral das virtudes cristãs, mais claramente me dou conta de que o cristianismo só recobra seu pleno valor quando se estende... às suas dimensões cósmicas".

** Ursula King é Professora e Chefa do Departamento de Teologia Religiosa da Universidade de Bristol. Inglaterra, além de fundadora do Teilhard Centre, sediado em Londres.*

Transcrito do site: Ciberteologia

N.E. – Trecho da obra "Cristo em todas as coisas, a espiritualidade na visão de Teilhard de Chardin". São Paulo. Paulinas, 2002





A felicidade traz prosperidade

Suzana Kahn*

Recentemente, vários indicadores têm buscado melhor medir a riqueza das nações como alternativa ao PIB. No entanto, tem se negligenciado um fator mais subjetivo, porém fundamental, na geração da riqueza e prosperidade, que é a felicidade e o bem-estar, objetivo maior de todos os humanos, como já apontava Aristóteles há mais de 2.300 anos. Se é a felicidade o que almeja a sociedade, uma nação próspera é aquela que melhor atende a estes anseios de seus cidadãos.

Para termos a felicidade coletiva, precisamos de um ambiente com confiança na sociedade e nas instituições públicas, entendendo a felicidade como uma causa do crescimento econômico, e não seu

resultado, como muitas vezes é compreendido. A descrença e a desilusão não favorecem a produtividade. A ausência da confiança gera uma ansiedade crescente, um sentimento de insegurança, aumento de violência e distúrbios mentais, com todos os custos econômicos associados. Um nível mais elevado de satisfação faz com que as faltas ao trabalho sejam menores e melhore a produtividade e o desempenho, além da redução de custos com saúde. Solidariedade e respeito ao bem comum e ao patrimônio público aumentam, gerando uma maior riqueza material para a comunidade em questão. Um grau mais alto de confiança na sociedade em que se vive reduz os "custos de transação" desta sociedade, que passa a ter menores gastos com fiscalização, burocracia,

corrupção, litígios, contratos e regulações. Tanto é assim que neste ano foi incluído no Fórum Econômico Mundial de Davos os impactos econômicos de questões relacionadas à ansiedade e à solidão.

O psicólogo americano Tim Kasser enfatizou o custo elevado dos valores materialistas. Seus estudos demonstraram que indivíduos que concentram sua existência na riqueza e outros valores materiais são menos satisfeitos com suas vidas. Centrados em si mesmos, preferem a competição à cooperação, contribuem menos com o interesse geral e se preocupam pouco com questões ecológicas e com o longo prazo. Um outro estudo conduzido pelo epidemiologista inglês Richard Wilkinson e pela americana Kate Pickett, ao longo de 50 anos, concluiu que um nível maior de igualdade gera sociedades mais saudáveis, onde reinam harmonia e uma prosperidade maior. Eles mostram que o enriquecimento dos pobres beneficia a todos, incluindo os ricos, aumentando o nível de bem-estar geral.

Interessante notar o ciclo vicioso que se cria, já que o aumento do nível de confiança leva ao aumento da felicidade, que, por sua vez, eleva o altruísmo e a cooperação, produzindo dessa forma uma espiral progressiva de prospe-

ridade. As motivações altruístas favorecem a cooperação. Quanto mais as pessoas cooperam, mais a prosperidade aumenta. Assim, a política econômica e de desenvolvimento de uma nação não deve excluir a promoção do altruísmo. Uma prova disso é a economia digital, que requer uma cultura de compartilhamento e colaboração. A expansão da transformação digital baseia-se em valores de abertura, livre acesso à informação e de criação conjunta de valor. Seu sucesso deve-se à participação de vários colaboradores.

São inúmeras as teorias e comprovações filosóficas ou científicas da relevância da felicidade para a prosperidade das nações, da importância maior do crescimento qualitativo das condições de vida do que o crescimento quantitativo do consumo. Não é por outra razão que vemos o aumento do interesse no tema da felicidade por parte de cientistas de diferentes áreas do conhecimento. Falta, entretanto, despertar o interesse nos políticos.

Enriquecimento dos pobres beneficia a todos, incluindo os ricos, aumentando o nível de bem-estar geral

** Suzana Kahn é Presidente do Comitê Científico do Painel Brasileiro de Mudança Climática e coordenadora do Fundo Verde da UFRJ
Transcrito de O Globo*



Profunda reflexão de Bert Hellinger, o alemão que já foi padre, largou o celibato e tornou-se psicoterapeuta e escritor. Atualmente está com 93 anos, e ficou conhecido mundialmente pela criação do método "Constelação Familiar".

Bert Hellinger.

"A vida decepciona-o para você parar de viver com ilusões e ver a realidade.

A vida destrói todo o superfluo até que reste somente o importante.

A vida não te deixa em paz, para que deixe de culpar-se e aceite tudo como "É".

A vida vai retirar o que você tem, até você parar de reclamar e começar agradecer.

A vida envia pessoas conflitantes para te curar, pra você deixar de olhar para fora e começar a refletir o que você é por dentro.

A vida permite que você caia de novo e de novo, até que você decida aprender a lição.

A vida lhe tira do caminho

e lhe apresenta encruzilhadas, até que você pare de querer controlar tudo e flua como um rio.

A vida coloca seus inimigos na estrada, até que você pare de "reagir".

A vida te assusta e assustará quantas vezes for necessário, até que você perca o medo e recupere sua fé.

A vida tira o seu amor verdadeiro, ele não concede ou permite, até que você pare de tentar comprá-lo.

A vida lhe distancia das pessoas que você ama, até entender que não somos esse corpo, mas a alma que ele contém.

A vida ri de você muitas e muitas vezes, até você parar de levar tudo tão a sério e rir de si mesmo.

A vida quebra você em tantas partes quantas forem necessárias para a luz penetrar em ti.

A vida confronta você com rebeldes, até que você pare de tentar controlar.

A vida repete a mesma mensagem, se for preciso com gritos e tapas, até você finalmente ouvir.

A vida envia raios e tempestades, para acordá-lo.

A vida o humilha e por vezes o derrota de novo e de novo até que você decida deixar seu ego morrer.

A vida lhe nega bens e grandeza até que pare de querer bens e grandeza e comece a servir.

A vida corta suas asas e poda suas raízes, até que não precise de asas nem raízes, mas apenas desapareça nas formas e seu ser voe.

A vida lhe nega milagres, até que entenda que tudo é um milagre.

A vida encurta seu tempo, para você se apressar em aprender a viver.

A vida te ridiculariza até você se tornar nada, ninguém, para então tornar-se tudo.

A vida não te dá o que você quer, mas o que você precisa para evoluir.

A vida te machuca e te atormenta até que você solte seus caprichos e birras e aprecie a respiração.

A vida te esconde tesouros até que você aprenda a sair para a vida e buscá-los.

A vida te nega Deus, até você vê-lo em todos e em tudo.

A vida te acorda, te poda, te quebra, te desaponta... Mas creia, isso é para que seu melhor se manifeste... até que só o AMOR permaneça em ti".



Quem realizou a sua substância central, pode sofrer o impacto das circunstâncias periféricas desfavoráveis mas não será infeliz por dentro, embora sofra por fora.

Huberto Rohden



ALERTA SOBRE O ENSINO PÚBLICO SUPERIOR NO BRASIL

Ensino público e gratuito: direito de todos e dever do Estado.

Durante o 64º CONGRESSO NACIONAL DOS DOCENTES FILIADOS AO ANDES, os professores tomaram conhecimento do PROJETO DE REFORMA DA AUTONOMIA FINANCEIRA DA EDUCAÇÃO SUPERIOR PÚBLICA FEDERAL, elaborado pelo Ministério da Educação e publicado no jornal Valor em 10/07/2019.

Este documento, já apresentado a reitores e pró-reitores de planejamento das Universidades Federais, em reunião no MEC, poderá promover UMA PROFUNDA MUDANÇA EM RELAÇÃO À UNIVERSIDADE PÚBLICA, ferindo a sua autonomia e impondo a sua privatização,

de forma categórica. Ele indica a necessidade de EMENDA CONSTITUCIONAL instituir cobrança de captação de recursos próprios como forma de FINANCIAMENTO DAS INSTITUIÇÕES DE ENSINO SUPERIOR PÚBLICAS.

Segundo o manifesto do ANDES, este procedimento pode significar a destruição do sistema público e gratuito de educação superior, alterando a atual condição de autarquia das IFES que, nesta situação, deixariam de ser subordinadas ao REGIME JURÍDICO DE DIREITO PÚBLICO. Caso isto ocorra, está aberta a possibilidade de contratações passarem a ocorrer

pelo regime celetista ou de contrato temporário.

Assim, segundo o manifesto do ANDES (associação sindical dos Professores de ensino superior), o GOVERNO PRETENDE: A) Pôr fim à carreira pública de servidores federais da educação, sem qualquer garantia de estabilidade de emprego. B) Isentar o Estado de responsabilidade com o financiamento da educação superior pública, que envolvem o sustento de pesquisas assistências acadêmicas e responsabilidade com a infraestrutura dos serviços mais básicos

em relação ao funcionamento das universidades e dos institutos federais de educação. C) Deter e reverter a lógica inclusiva da educação superior pública federal que têm permitido que o espaço das universidades e dos institutos federais se abra democraticamente para estudantes que expressam a diversidade econômica, racial e de gênero que caracterizam nosso País.

LEMBREMO-NOS DE QUE AS INSTITUIÇÕES FEDERAIS de Ensino são um patrimônio da Nação brasileira. É dever de cada cidadão defendê-la.

.....

Nós não vemos o que vemos, nós vemos o que somos. Só veem as belezas do mundo aqueles que têm belezas dentro de si.

Não haverá borboletas se a vida não passar por longas e silenciosas metamorfoses.

A saudade é a nossa alma dizendo para onde ela quer voltar.

Rubem Alves

.....



Caso Kiss: Uma busca permanente por justiça



Daniela Arbex*

Quando se despediu do filho no aeroporto de Guarulhos, em São Paulo, no dia 24 de janeiro de 2013, Paulo e Fátima de Carvalho jamais imaginaram que seria a última vez. Empolgado com a chance de comemorar seu aniversário de 32 anos no Rio Grande do Sul, Rafael abraçou os pais e seguiu pelo portão de embarque. Ao cruzar a porta de vidro, ele ainda olhou para trás e estampou seu belo sorriso. O combinado era que os pais o buscassem na semana seguinte. Rafael, no entanto, retomou para casa em um caixão que foi despachado no mesmo setor de mercadorias da companhia aérea. Seu nome figurava entre os 242 mortos da boate Kiss, que incendiou no

dia 27 daquele mês na cidade gaúcha de Santa Maria. Como todos os outros, Rafael morreu asfixiado pela mistura do cianeto e do monóxido de carbono liberados pela queima de espuma tóxica e irregular colocada, artesanalmente, no teto da boate por três funcionários da casa noturna, dois deles faleceram no incêndio

Com quase 1.200 pessoas em um local com capacidade para a metade, a Kiss tomou-se uma armadilha. Ficaram encurralados diante da única porta de entrada e saída da boate. Ao todo, além dos mortos, 636 jovens ficaram feridos, alguns com lesões permanentes, como Kellen Ferreira. Na época com 20 anos, ela sofreu diversas queimaduras e precisou amputar a perna

direita. Centenas ainda têm problemas respiratórios pela inalação da fumaça.

Para além da dimensão da tragédia, o caso Kiss ficou conhecido no mundo como sinônimo de impunidade. Como 242 mortes não produziram nenhuma responsabilização até agora? Sem respostas coerentes, as famílias estão a longos seis anos lutando para que o judiciário cumpra o seu papel. Mais de dois mil dias se passaram. Tempo demais. A dor da falta de justiça ficou tão grande quanto a da perda.

No último dia 18 de junho, porém, a 6a turma do Superior Tribunal de Justiça decidiu mandar para júri popular os réus do processo, que ainda poderão recorrer. Dois anos antes, o Tribunal de Justiça do Rio Grande do Sul havia desqualificado o dolo eventual, dizendo que não havia ficado comprovada a intenção de matar, apesar da existência de barras irregulares que dificultaram a fuga dos frequentadores da boate, de as portas terem sido trancadas pelos seguranças para evitar a saída sem pagamento de comanda e de ter sido utilizado fogo de artifício dentro de um local fechado. Na prática, a Kiss ficou aberta por 41 meses e 27 dias.

Nesse período, por 31 meses, funcionou sem o Alvará Sanitário, incluindo o dia da tragédia. Por 20 meses, funcionou sem a Licença de Operação Ambiental. Por 17 meses, funcionou sem o Alvará de Prevenção e Proteção Contra Incêndio. Por sete meses, funcionou sem o Alvará de Localização.

Com tantos elementos de prova, a tese de homicídio culposo não se sustenta, embora tenha sido acolhida, equivocadamente, pelo Tribunal de Justiça gaúcho. Apesar de saberem que nada trará os filhos de volta, os pais da boate Kiss não querem que outras famílias passem pela dor permanente à qual foram brutalmente expostos.

Ao final do julgamento do STJ, em Brasília, Paulo Carvalho, o pai de Rafael, que esteve presente na seção, voltou para São Paulo acompanhado, pela primeira vez, de esperança. "Indo com o coração apertado, mas confiante que, um dia, teremos a paz da justiça".

**Daniela Arbex é Repórter*

Transcrito da Tribuna de Minas

Proposta de reflexão:

Boite Kiss; Mariana; Brumadinho: Quem deve ser responsabilizado? Quando e como?



CIDADANIA REFLEXIVA (5).

Considerando que:

- As pessoas, sua maioria, ainda têm liberdade para pensar; - A cidadania tem fundamento nos limites da liberdade e no respeito ao direito à vida com igualdade e com segurança; - A construção da paz, coerente e comprometida com a proposta da misericórdia, recomendada pelo Papa Francisco;

- A equipe editorial de F&R coerente com a importância de VER, JULGAR, AGIR, AVALIAR E REFLETIR valorizando a família em missão está criando, a partir da edição nº 100 o espaço chamado de CIDADANIA REFLEXIVA. Aqui estarão reunidas até cinco contribuições, sob a

forma de pequenas constatações, de autores diferentes. São documentos que pretendemos serem estimuladores de reflexões individuais ou grupais sobre a realidade que as pessoas vivem neste momento histórico, bem como suas projeções sociais, políticas e econômicas mais diversas.

1ª CONTRIBUIÇÃO: - Pensamento atribuído a Santo Agostinho.

A esperança tem duas filhas queridas. A INDIGNAÇÃO E A CORAGEM. A indignação nos ensina a recusar as coisas como estão colocadas para o "ser humano". A coragem da ao ser humano os ensinamentos neces-

sários para mudá-las. A revista Fato e Razão pergunta: - Chegamos ao fim da "história da sociedade brasileira e nada mais deve ser feito, ou devemos ter a sabedoria necessária para mudar a realidade em vista do respeito à dignidade humana e da inclusão social?

2ª CONTRIBUIÇÃO: - SOBRE A IMPORTÂNCIA DA CRÍTICA. (Autor desconhecido).

O exercício continuado do senso crítico é uma forte arma contra as ações das ELITES DOMINADORAS, EXPLORADORAS E EXCLUDENTES. A REVISTA FATO E RAZÃO PERGUNTA: - O que você faz com seu senso crítico: - Usa-o defendendo as elites exploradoras? - Utiliza-o em defesa do povo de Deus que é pobre de bens materiais, mas rico das graças de Deus? Utiliza-o apenas em seu próprio benefício?

3ª CONTRIBUIÇÃO: - DIGNIDADE HUMANA.

Orar e agir com misericórdia leva o ser humano a romper com o egoísmo, o individualismo, o autoritarismo, o preconceito, e o narcisismo. - Faça uma avaliação de sua vida em vista da necessidade da construção da cidadania, especialmente no Brasil, exercitando a misericórdia.

4ª CONTRIBUIÇÃO: SOBRE A CONSTRUÇÃO DE UMA SOCIEDADE. (PAPA Francisco).

Pode-se construir uma sociedade inclusiva, na qual, cada um dispondo de seus próprios talentos e competências se torne protagonista do bem comum... Quanto mais, em uma sociedade, as pessoas se dedicam aos mais desfavorecidos, mais ela se torna uma sociedade verdadeiramente civil. - É possível a construção de uma sociedade civil organizada, livre e com respeito à dignidade humana?

Santificar é o mesmo que humanizar. É receber-se de novo; é voltar ao molde inicial, onde o Verbo nos gera e nos faz ser o que somos

Fábio de Melo



Frei Betto*

Definha o interesse por notícias impressas ou televisivas. Pesquisas revelam que o público prefere notícias on-line. Nos séculos XIX e XX, o modo de pensar da sociedade tendia a ser moldado pelos grandes meios de comunicação: mídia impressa, rádio e TV. Tudo indica que termina aquela era. Trump se elegeu atacando a grande mídia dos EUA. Só a Fox o apoiou. Os principais veículos da mídia britânicas e opuseram ao Brexit, mas a maioria dos eleitores votou a favor dele. Bolsonaro fez campanha presidencial quase ausente da grande mídia. Criticou os principais veículos, e ainda assim se elegeu. O que acontece de novo?

O novo são as redes digitais, as novas tecnologias ao alcance da mão. Elas deslo-

cam a notícia dos grandes veículos para computadores e smartphones. Têm o mérito de democratizar a informação, rompendo a barreira ideológica que evitava opiniões contrárias à orientação editorial do veículo. Contudo, pulverizam a notícia. O que é manchete na TV não merece destaque na comunicação interpersonalizada na internet. O receptor corre o risco de perder ou não adquirir critérios de valoração das notícias.

Pode ser que lhe seja mais importante ficar ciente de que seu colega tem nova namorada do que inteirado do golpe de Estado no país vizinho ou da nova lei que regula o trânsito em seu bairro. Essa informação individualizada, embora mais cômoda, prêt-à-porter, tende a evitar o contraditório. Cada interessado se isola no interior de sua tribo no WhatsApp, no Twitter, no Facebook,

no Instagram, no YouTube, no Telegram, nos serviços de mensagens no Google e do Periscope. Não há interação dialógica. Não interessa o que dizem as tribos vizinhas, potenciais inimigas. O que transmitem não merece crédito. A única verdade é a que circulana tribo com a qual o internauta e identifica. Ainda que essa “verdade” seja fakenews, mentira deslavada, farsa. Apenas um dialeto faz sentido para o internauta.

Desprovido de visão conjuntural, ele se agarra ao que propagam seus parceiros como quem acolhe oráculos divinos. Querer mudar-lhe o foco é como se alguém tentasse convencer os astecas contemporâneos de Cortés de que o sol haveria de despontar no horizonte ainda que eles não despertassem de madrugada para celebrar os ritos capazes de acendê-lo. Com certeza não ousariam correr o risco de ver o dia inundado de escuridão. Eis a privatização da notícia. Essa seletividade individualizada faz com que o internautas e encerre com a sua tribo na fortaleza virtual dotada de agressivas armas de defesa e ataque.

Se aversão emitida pela tribo inimiga chegar a ele, será imediatamente repelida, deletada ou respondida por uma bateria de impropérios e ofensas. É dever de sua tribo

disseminar em larga escala a única verdade admissível, ainda que careça de fundamento, como a teoria do teraplanismo. Os efeitos dessa atomização das comunicações virtuais são deletérios: perda da visão de conjunto; descrédito dos métodos científicos; indiferença ao conhecimento historicamente acumulado; e, sobretudo, total desprezo por princípios éticos. Qualquer um que se expresse em linguagem que não coincida com a da tribo merece ser atacado, injuriado, difamado e ridicularizado. O que fazer frente a essa nova situação? Desconectar-se?

Ora, isso seria bancar a tartaruga que recolhe a cabeça para dentro do casco e, assim, se julga invisível. A saída deve ser ética. O que implica tolerância e não revidar no mesmo tom. Como sugere Jesus, “não atirar pérolas aos porcos” (Mateus 7,6). Deixar que chafurdem na lama sem, no entanto, ofendê-los. A vida é muito curta para que o tempo seja gasto em guerras virtuais. Quanto a mim, prefiro ignorar ataques e atuar propositivamente. Sobretudo, não trocar a sociabilidade real pela conflituosidade virtual. E muito menos livros por memes e zapps que nada acrescentam à minha cultura e à minha espiritualidade.

Transcrito de O Globo



Democracia

LIBERAL SOB ATAQUE, A VOZ DO MEDO

Claudia Costin*

Em livro recente lançado no Brasil, "O Povo contra a Democracia", o cientista político alemão Yascha Mounk analisa o crescimento, em escala mundial, de uma ultradireita populista, associado à descrença nas instituições da democracia liberal.

Parece que não fazem mais sentido, para parte da população, valores como separação de Poderes, direitos de minorias ou acordos internacionais que limitem a ação do Estado.

Para Mounk, os dois termos, democracia e liberal, devem ser entendidos separadamente.

A democracia trata da ideia de que o povo governa, enquanto o adjetivo liberal, que o qualifica, remete ao respeito aos direitos das minorias e à

consideração do que demanda ação concertada de nações para proteger futuras gerações.

Assim, de acordo com ele, podem existir democracias não liberais, em que o desejo da maioria tem condições de contrariar direitos de grupos étnicos ou sociais, como também liberalismo sem democracia, situação em que interesses fragmentários, inclusive o de elites, têm canais de expressão, o que não ocorre com os da maior parte da população.

O mal-estar atual ocorre devido à percepção, motivada ou não por líderes políticos, de que a ordem internacional instalada, as mudanças nos costumes ou a proteção oferecida a refugiados trazem uma ameaça às pessoas "de bem".

Dessa forma os acordos internacionais para enfrentar problemas comuns a diferentes países, como o da mudança climática, a autorização de casamentos entre pessoas de mesmo sexo ou a entrada de estrangeiros em países como a envelhecida Hungria, tão necessitada de trabalhadores, são associados a riscos iminentes de destruição da sociedade.

Some-se a isso a indignação seletiva por uma corrupção infelizmente própria de processos eleitorais dispendiosos e, como mostra Manuel Castells em "Ruptura", de uma democracia em que eleitores não aceitam financiamento público de campanhas em volume suficiente e obtém-se o caldo de cultura adequado para o populismo.

Nesse contexto, políticos não tradicionais se colocam como líderes messiânicos, por-

tadores da voz dos descontentes. Estes últimos clamam por moralidade nos costumes e ética no trato do dinheiro público e também têm como agenda o fim do "globalismo", que eleva o preço do diesel em nome de uma política ambiental (como os "gilets jaunes" na França), ou o fim da entrada de imigrantes numa sociedade que se quer monocromática, como na Polônia.

Só que as políticas públicas resultantes dessa triste e excludente narrativa não resolvem os problemas da população que pensa ser representada por seus vocalizadores. E nesse processo nós todos vamos nos desumanizando...

**Claudia Costin é Diretora do Centro de Excelência e Inovação em Políticas Educacionais, da FGV, e ex-diretora de educação do Banco Mundial.*

Transcrito da Folha de São Paulo





Igreja em marcha-Equipe de leigos católicos*

"Ea vida o que é? Diga lá, meu irmão!" Nunca foi fácil responder à instigante pergunta de Gonzaguinha: A ciência não encontrou a solução, e a filosofia não faz questão de encerrar a discussão. Mas, para a fé cristã, não há dúvida ou sequer titubeio: a vida é dom de Deus! E, como tal, é dever do cristão defendê-la, em toda Criação, na sua mais rica diversidade e em cada criatura, desde a concepção até seu fim natural, na sua completude e sua plenitude. Pois é para além desse aparente fim que a vida encontra seu verdadeiro sentido e eternidade.

Nesses tempos tenebrosos em que até o que con-

siderávamos unanimidade, como a erradicação do trabalho infantil, é passível de discussões, a defesa da vida e de sua "dignidade toma-se princípio e fim em si mesma. Uma vez que argumentos do tipo "é preciso fazer sacrifícios", "nunca fez mal algum", "isso é vitimismo", para não citar os de baixo calão, recaem sobre os mais pobres, marginalizados e até sobre o meio ambiente, a Igreja tem que firmar sua posição.

Buscando "novos caminhos para a Igreja e para uma ecologia integral", o Sínodo da Amazônia, a realizar-se em outubro, iniciou-se com a etapa da "escuta" das bases, isto é, indígenas, ribeirinhos, quilombolas, comunidades do campo e da cidade. Dessa forma, pôde verificar quais são as ameaças

e as dificuldades para a vida, o território e a cultura, bem como o papel que os leigos, especialmente as mulheres, devem exercer, inclusive para que a Eucaristia não permaneça como uma excepcionalidade. Mas essa movimentação chamou a atenção de órgãos do Governo que falam em interferência em questão de soberania nacional ao que dom Erwin Krautler, o bispo emérito do Xingu (PA), questionou: Não devemos ser “sal da terra”, “luz do mundo”, “fermento na massa”? Se estruturas e medidas governamentais são iníquas, perversas, desumanas, excludentes, não cabe a todos os fiéis e, por excelência, aos bispos exigir que sejam respeitados a dignidade e os direitos de quem foi criado à imagem e semelhança de Deus? A Igreja não legisla sobre políticas públicas, mas exige de cada governo que se esmere em implementar programas de saúde, educação, habitação, segurança, transporte, saneamento básico para os cidadãos e as cidadãs do país. Nesse caso, trata-se da defesa do meio ambiente, sem o qual o ser humano não sobrevive.

Noutra dimensão, a Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB) divulgou nota sobre o julgamento em

curso no Supremo Tribunal Federal a respeito da criminalização da homofobia. Nela, afirma que “é defensora incondicional da vida, desde a sua concepção até a morte natural. Nesse sentido, é contrária a qualquer ato de violência”. Diz que “em diálogo com os setores da sociedade que buscam fortalecer a punição para os casos de homofobia, a Igreja pede clareza nos processos em curso no Judiciário e Legislativo”, de modo que prevaleça “o respeito fraterno que todo ser humano deve cultivar em relação a seu semelhante”, e acrescenta: “A liberdade religiosa, que pressupõe o respeito aos códigos morais com raízes na fé, deve ser compatibilizada com as decisões judiciais relacionadas à criminalização da homofobia. A doutrina religiosa não semeia violência, mas, ao contrário, partilha um código de condutas que promove a defesa da vida”.

Também o Papa Francisco reafirmou recentemente esse compromisso cristão, que passa por cobrar a isenção daqueles que são responsáveis de julgar, pois deles “dependem decisões que influenciam os direitos e os bens das pessoas”. Num primeiro momento, em vídeo amplamente comentado devido às coincidências com o cenário

nacional em que pesam suspeitas sobre atos condenatórios de cunho político, o Santo Padre afirma que “os juízes devem seguir o exemplo de Jesus, que nunca negocia a verdade”.

Outra frente de preocupação com a vida veio através do alerta, emitido pelos bispos do Brasil, acerca da reforma da Previdência, inaudito ao Congresso Nacional, que a aprovou com folga. Desde março, a CNBB afirmava que “as mudanças contidas na proposta sacrificam os mais pobres, penalizam as mulheres e os trabalhadores rurais, punem

as pessoas com deficiência e geram desânimo quanto à seguridade social, sobretudo, nos desempregados e nas gerações mais jovens”, sem deixar claro quais são e quem possui privilégios, bem como a forma de combater a sonegação e de cobrar os devedores da Previdência.

Será que ainda teremos a pureza da resposta das crianças? Ou nos caberá a vergonha de não ser feliz? Lutemos, pois, para podermos cantar que a vida é bonita, é bonita e é bonita!

Transcrito da Tribuna de Minas

***“Semeia alegria no jardim
do teu irmão e ela florescerá
também no teu”***

Sara Bronzin

***“[...] ser definitivamente
bom quer dizer ter experi-
ência pessoal de Deus
e viver em harmonia
com essa experiência.”***

Huberto Rohden



PROGRAMA NACIONAL DE FORMAÇÃO À DISTÂNCIA

Contribuição do Secretariado Estadual de Minas Gerais
mfc.livraria@gmail.com



TEMA 2: RELACIONAMENTO HUMANO 6º MÓDULO: VIRTUDES E HÁBITOS: UM CAMINHO DE APERFEIÇOAMENTO (Parte 3)

ORAÇÃO INICIAL (recitada
ou cantada)

Senhor, fazei-me instrumento de vossa paz. Onde houver ódio, que eu leve o amor. Onde houver ofensa, que eu leve o perdão. Onde houver discórdia, que eu leve a união. Onde houver dúvida, que eu leve a fé. Onde houver erro, que eu leve a verdade. Onde houver desespero, que eu leve a esperança.

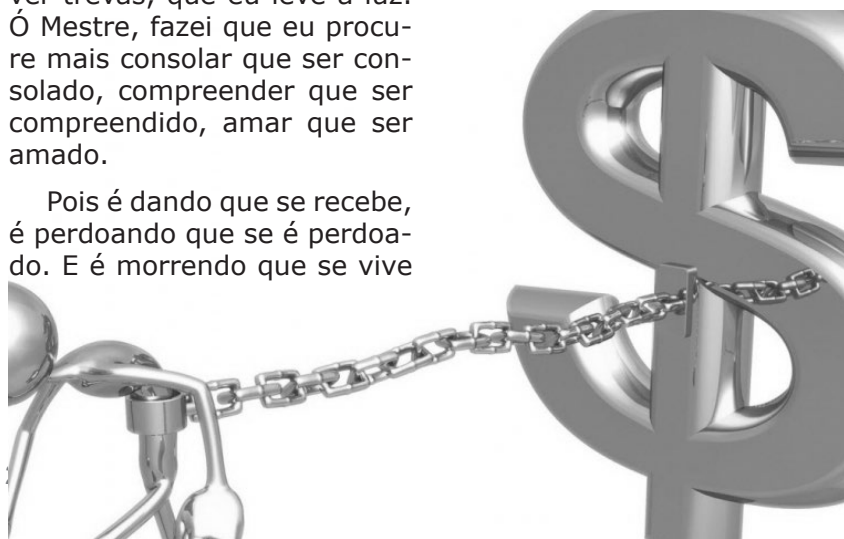
Onde houver tristeza, que eu leve a alegria. Onde houver trevas, que eu leve a luz. Ó Mestre, fazei que eu procure mais consolar que ser consolado, compreender que ser compreendido, amar que ser amado.

Pois é dando que se recebe,
é perdendo que se é perdoado. E é morrendo que se vive

para a vida eterna. Amém.

INTRODUÇÃO

Vimos anteriormente que nossa busca pela felicidade está sujeita à forma com que interagimos com as pessoas. Nascemos com alguma propensão a ser mais ou menos felizes, mas que, no entanto, o ambiente, principalmente o familiar, influencia fortemente nossa maneira de ser, podendo muito ajudar nesse sentido. Ressalta-se, portanto, a importância de educarmos a nós mesmos e aos de nossa família.



lia para o desenvolvimento das virtudes na vida de cada um.

Não é demais lembrar, mais uma vez, a urgente necessidade de se educar para o amor. Os jovens com quem convivemos pedem, à sua maneira, que lhes mostremos bons exemplos que os ajudem a orientar sua forma de agir e de tratar os outros. Nossa família, a comunidade onde vivemos, nosso país, somos todos absolutamente carentes de coragem no sentido de buscarmos a prática dos valores do Evangelho. Temos uma grande oportunidade e responsabilidade para plantar sementes de fraternidade e justiça que Deus fará crescer.

Investir tempo e atenção em nossos relacionamentos, de modo a torná-los oportunidades de aprendizado, é fundamental para a felicidade, nossa e dos outros. Simples, não? No entanto, isso pode nos passar despercebido por longos anos da vida, causando-nos sofrimento desnecessário...

Nossa reflexão sobre o esforço para praticar o bem encontra seu alimento nas palavras de Jesus: "Sede misericordiosos, como o vosso Pai é misericordioso" (Lc 6, 36). Neste ano, em especial, vivemos o Jubileu Extraordinário da Misericórdia, que, nas palavras do Papa Francis-

co, deve tornar "mais forte e eficaz o testemunho dos crentes". Afinal, sem a prática da misericórdia, o que nos caracterizaria como cristãos?

REFLEXÃO E PARTILHA

Nesses tempos de desesperança, ainda consigo acreditar, de verdade, que é possível construir um mundo melhor?

VIRTUDES E HÁBITOS

Nos tempos atuais, marcados pela sobrecarga de atividades que incomodam boa parte da população, corremos o sério risco de nos tornarmos insensíveis às necessidades dos irmãos, sejam elas de ordem familiar ou não. Tal insensibilidade pode ser produzida pela rotina de inúmeros compromissos com afazeres profissionais e particulares ou também pelo desânimo e desesperança em dias melhores.

Ambas as condições acabam por sufocar a disponibilidade para os outros, mergulhando as pessoas em sua própria rotina, alimentando um comodismo que adoece nosso espírito. Vale lembrar o episódio da visita de Jesus às irmãs de Lázaro: "Marta, Marta! Você se preocupa e anda agitada com muitas coisas..." (Lc 10,41).

Não é raro, nos dias atuais, encontrar pessoas que sofrem com o estresse e com a angústia na busca de objetivos materiais quase sempre inal-

cançáveis. O adoecimento do espírito mais cedo ou mais tarde conduz ao adoecimento do corpo. Ficamos doentes e presos a um círculo vicioso perverso que busca prioritariamente a satisfação material, o que prejudica ou impede nosso desenvolvimento psicológico e espiritual.

A luta diária de trabalho e busca de sobrevivência digna pode levar a nos fecharmos em nós mesmos, zelando pelos nossos próprios planos e interesses sem perceber a necessidade dos outros e o potencial de ajuda que podemos oferecer. Deixamo-nos envolver pela compulsão de consumir cada vez mais, pressionados pelos comerciais da televisão e da internet que enchem nossos olhos com a perspectiva de possuir e não dividir o que somos e o que temos.

A prática da generosidade significa agir espontaneamente e não em consequência de obrigatoriedade ou de cumprimento de alguma lei. As exigências que a motivam são da moral, do amor ou da solidariedade. Para nós, cristãos, a ação solidária decorre dos ensinamentos de Jesus Cristo.

REFLEXÃO E PARTILHA

Em minha opinião, nossos tempos são mais caracterizados pela generosidade ou por sua ausência? Posso citar algum exemplo?

CONTINUANDO...

Um dos desvios que nos torna incapazes de relações decentes e dignas com os outros e com nós mesmos é o apego excessivo às coisas materiais, a avareza.

São Paulo adverte: "A raiz de todos os males é o amor ao dinheiro" (1Tm 6,10). É interessante notar que o bem material não é apontado como um mal em si, mas o apego a ele, sim. Portanto, não apenas uma pessoa rica pode ser avarenta; também um pobre pode sê-lo, dependendo de como trata aquilo que possui.

Não é fácil reagir a essa dureza de coração, alimentada pela cultura individualista e egoísta que prevalece na sociedade ocidental. Um dos remédios contra essa dificuldade consiste em procurar agir contra essa tendência, "abrindo as mãos e o coração" para a carência do outro. Assim estaremos estimulando em nós o desenvolvimento virtuoso. Seja qual for a forma escolhida, é indispensável que a pessoa queira fazê-lo; tomada essa decisão, é preciso estar atento às oportunidades nesse sentido.

Vamos a um exemplo simples: Pedro foi ao supermercado com sua filha Ana Maria. Na fila do caixa, a menina pede ao pai um chocolate, no que é prontamen-

te atendida. Logo atrás, os olhos do garoto Lucas brilharam com a imagem do doce, só que o dinheiro de sua mãe, já contado para pagar a compra, não dava para mais uma despesa. Se Pedro estiver atento ao que se passa a seu redor e for generoso o suficiente, poderá aproveitar a oportunidade para oferecer um chocolate também a Lucas, mostrando com seu gesto o caminho da virtude para sua filha. Custa muito pouco doar e ensinar a doar. Depende de cada um.

A verdadeira generosidade, que sacrifica os próprios interesses em benefício de outrem, traduz a consciência da pessoa de sua própria liberdade e a firme resolução de bem usá-la. Quando somos generosos, aumentamos em nós o sentimento de autoestima, pois fazemos o bem porque somos livres e queremos agir assim.

Estudos mostram que pessoas menos apegadas às coisas materiais são mais felizes. O desprendimento, ou desapego às coisas nos leva a nos aproximar mais dos outros, podendo mais apoiá-los e ajudá-los.

REFLEXÃO E PARTILHA

"Felizes os pobres em espírito, porque deles é o Reino do Céu" (Mt 5,3), diz Jesus. Como eu entendo essa afirmação?

Não é difícil encontrar pessoas que não conheçam o termo gratuidade, a condição daquilo que é oferecido de graça. Jesus deixa isso muitíssimo claro para nós: "Quando você der um almoço ou jantar, não convide amigos, nem irmãos, nem parentes, nem vizinhos ricos. Porque esses irão, em troca, convidar você. E isso será para você recompensa. Pelo contrário, quando você der uma festa, convide pobres, aleijados, mancos e cegos. Então você será feliz! Porque eles não lhe podem retribuir.

E você receberá a recompensa na ressurreição dos justos" (Lc 14, 12-14).

A prática da generosidade gratuita desenvolve em nós o sentimento da solidariedade, que traduz nossa sensibilidade ao sofrimento do outro. Entretanto, não basta sentir e até mesmo nos entristecermos pela situação do outro. Pela misericórdia, concretizamos a manifestação desse sentimento, ajudando a quem necessita.

Como dito no início deste módulo, sabemos da existência de tendências inatas na vida das pessoas, o que poderia ser utilizado como argumento para uns serem humanos melhores que outros. Não existe unanimidade entre pensadores sobre o homem ser egoísta ou não em sua

origem. Também sabemos, no entanto, que somos os responsáveis pela construção de nossa forma de viver e de construir nossa felicidade.

Alguém já disse que um homem é feliz desde que escolha ser feliz. Na perspectiva do Evangelho, é de se esperar que o caminho escolhido seja o da prática do bem, fundamentada no amor ao próximo, que o Mestre nos ensina.

É necessário que os seguidores de Cristo, com o auxílio divino, conservem e aperfeiçoem a santidade recebida do Senhor. São Paulo aconselha os cristãos a se vestirem de misericórdia, bondade, humildade, mansidão, paciência. É insubstituível o esforço de cada um quanto a acordar nossos corações e mentes para a prática e o desenvolvimento das virtudes. Novamente: depende de nós...

Encerrando este último módulo sobre as virtudes, lembremos as palavras do Papa Francisco sobre a misericórdia: "(...) é a lei fundamental que mora no coração de cada pessoa, quando vê com olhos sinceros o irmão que encontra no caminho da vida". E ainda: "(...) é o caminho que une Deus e o homem, porque nos abre o coração à esperança de sermos amados para sempre, apesar da limitação do nosso pecado".

REFLEXÃO E PARTILHA

Temos evoluído na prática da misericórdia? O que nos falta?

REFERÊNCIAS BÍBLICAS:
Lc 6,36 – Mt 25,35 – Lc 10,25-37 – Lc 14,12-14 – Cl 3,12 – 1Tm 6,10

ORAÇÃO FINAL (sugestão)

Senhor Jesus, ajuda-nos na transformação contínua em instrumentos da misericórdia. Falamos e conversamos sobre ela, mas temos consciência de como é difícil tornarmos nossas testemunhas na vida concreta. Sabedores de que é trabalho para a vida inteira, Te pedimos para que venhas em nosso auxílio na missão de aprender a amar nossos irmãos, assim como Tu nos amas. Fica conosco, Senhor, e abençoa nosso esforço. Amém.

Pai-Nosso – Ave-Maria

(Fontes de consulta: Lumen Gentium 40 (C. Vaticano II) – Bula de proclamação do Jubileu Extraordinário da Misericórdia (Papa Francisco) – Pequeno tratado das grandes virtudes (André Comte-Sponville) – Convite à filosofia (Marilena Chauí) – Ideias de Psicologia (Adrian Furnham) – Os pecados e as virtudes capitais (Felipe Aquino) – O pavilhão dos cancerosos (A. Solzhjenitsyn) – Dicionário Houaiss eletrônico da língua portuguesa)



Educar tem capacidade de transformar o ser humano

Kátia Rúbio*

Educação é o tema da vez. Não porque levou mais de 1 milhão de pessoas às ruas essa semana. Não porque estudantes, professores, pesquisadores e pais entendem a importância de se ter o acesso à informação que forma e não deforma, ou conforma. Não porque se deseja ter a liberdade de pensar e interrogar, de forma construtiva, sobre qualquer tema. Mas, simplesmente, porque a educação humaniza.

Afirmam que aquilo que distingue o ser humano dos animais é a capacidade de produzir cultura. Embora complexa, essa assertiva, sintetiza uma construção teórica produzida dentro de um espaço acadêmico que prima pelo debate, que envolve embates infinitos, que privilegia, acima

de tudo o respeito à antítese. Humanos abstraem, condição fundamental para pensar, antecipar, produzir conhecimento, razão de ser das escolas e universidades.

Em tempos de Control C, Control V (comando em computadores que copia e cola sem qualquer restrição ou elaboração) a educação promove a reflexão sobre o ato de reproduzir sem compromisso ideias que não são próprias de um autor. Desvende os desvios interpretativos de atos e fatos que transformam um registro histórico, ou uma memória, em uma mentira, que de tanto ser compartilhada assume ares de verdade.

Ainda que no Brasil a educação pública tenha pouco mais de um século de existência, sua afirmação como direito não se deu sem lutas

árduas. Foi, e continua a ser, no espaço da escola e da universidade que se construiu, a duras penas, aquilo que chamamos de identidade. Não é simples responder à questão quem somos, de onde viemos e para onde iremos. Fosse fácil, não seria a marca de uma esfinge. Seja de forma individual, ou coletiva, é pelo pensamento e pelo conhecimento, de si e das coisas, que se produz a consciência. Impedir que esse processo se dê de forma plena, seja pela censura ou pelo desvio do ato de pensar, significa estagnar ou retroceder a níveis já superados.

1. Por isso tanta gente foi às ruas. A liberdade de pensar tem gosto de picolé em dia de verão, de chocolate quente no inverno, de feijoada com os amigos, de pudim de leite depois do almoço. Nada pode ser mais saboroso do que descobrir o que um texto difícil quis dizer, não nas palavras de alguém, mas pela capacidade própria de decifrar aquele enigma. E, desse momento em diante, cada ser pensante se torna um guardião do direito de ler com os próprios olhos, de pensar com a própria cabeça para intervir na sua comunidade ou pelo mundo afora.

Isso é educação.

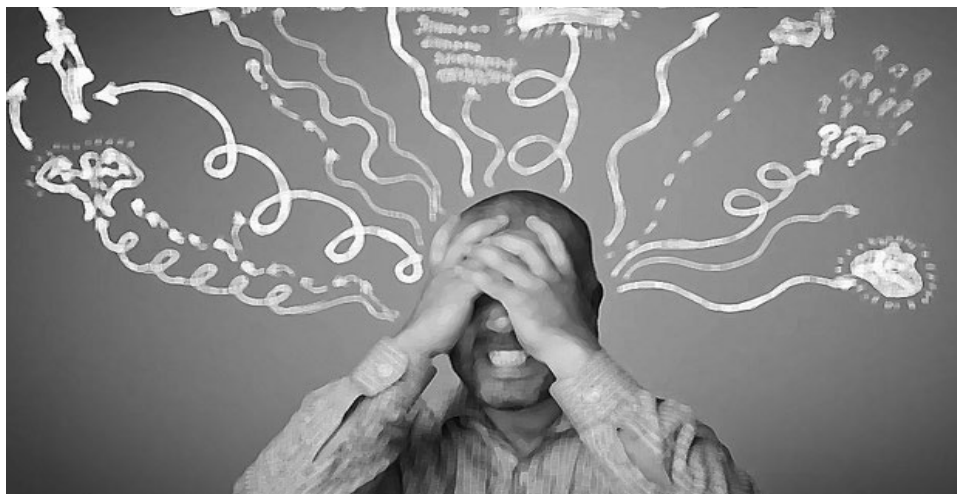
Não consigo pensar o es-

porte fora desse contexto. Como um gesto humano intencional ele também carrega a cultura na qual ele é produzido. Ainda que seja espontâneo em sua estrutura, como gesto motor, ele depende cada vez mais do conhecimento produzido e testado dentro da universidade. O esporte não vive sem a educação. Isso é fato. Desmontar a universidade significa retroceder em tudo o que foi produzido até aqui não para um atleta qualquer, mas para todas aquelas e todos aqueles jovens que se desenvolveram em diferentes regiões desse país e trazem consigo as especificidades das culturas locais em seus genes, em suas atitudes, em suas personalidades. E serão os pesquisadores brasileiros quem saberão e poderão desvendar essas informações dentro de seus laboratórios, em seus grupos de pesquisa, nas salas de aula, afinal, não somos seres quaisquer.

Educação e cultura caminham juntas e de mãos dadas. São e estão na sociedade com a finalidade de promover bem-estar, produzir tecnologia e ampliar o pensamento, ou seja, transformar um ser qualquer em humano.

** Kátia Rúbio é Professora da USP, jornalista e psicóloga, é autora de "Atletas Olímpicos Brasileiros"*

Transcrito da Folha de São Paulo



MAI AMOS UMA GERAÇÃO?

"ME DEIXA! ESTOU ESTRESSADO!"

A geração que se estressa e se frustra por tudo. Que se considera eternamente infeliz.

O que buscam esses meninos? O que lhes prometeram? Que o importante é ser feliz? Que ele pode ser o que quiser no lugar que quiser? Que se estudar faculdade X vai se realizar, que se estudar na escola Y vai passar direto e depois é só correr para o abraço?

Jovens que vão aos consultórios com demandas frágeis e de muito sofrimento. A dor da falta do não faltar. Sensação de não pertencimento, de estar perdido, de não saber o que quer da vida, nem saber se quer alguma coisa. Geração

de poucos adjetivos. O show das três bandas foi TOP, a viagem à Disney foi LEGAL. O aniversário no buffet foi NORMAL. O casamento da melhor amiga foi CHATO. E se sente frustrado, mas não identifica o que lhe falta. Chora pelo golfinho ferido, mas não tira seu prato da mesa do shopping. A culpa é do machismo, é dos facistas, das feministas, dos petistas, dos istas.

Colaborar em casa é "favor", arcar com despesas nem pensar, participar de tarefas, seja fazer mercantil, alimentar os dogs, ir ao banco, cartório, farmácia... tudo é postergado, é exaustivo. Geração das polpas de frutas, não descasca laranja, não chupa caroço de manga. Vive de sonhos áureos,

mas não quer pisar no chão quente para alcançá-los. Começar a trabalhar sem muito ganhar, nem pensar. Quem marca suas consultas, médicos, dentistas? Não visita avós, não sai de seus quartos fantasiando no mundo irreal do Instagram. Aponta defeitos em comentários nas redes sociais. Não elogia. Acredita que todos exigem muito deles. Não oferece seus préstimos. Reclama do mínimo obstáculo. Culpa os pais por “forçarem a barra”.

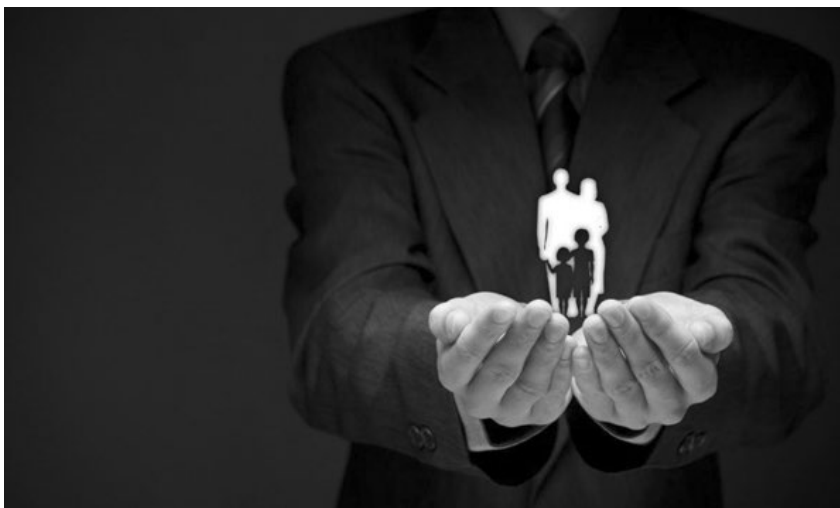
Na escola, solucionaram problemas matemáticos em turmas avançadas e não conseguem solucionar problemas reais de tirar segunda via de boletos, de ir à repartição pública e lidar com burocracias... Querem respostas rápidas, fáceis e ficam aborrecidos sempre, mesmo quando essa resposta vem. Entediam-se. Trocam de escola, de curso, de emprego, de parceiros, de amigos, nada e nem ninguém os compreende. Nada preenche. Culpam o sistema, a família, o amigo difícil, o porteiro chato, a coordenadora do curso, a lei, o chefe que exige. Reclama do almoço, de não ter roupa pra sair, de não ter dinheiro. Passa o dia no ar-condicionado, consumindo o salário dos pais. Anda de carro, uber, táxi...

Não lava suas cuecas nem suas calcinhas. Não busca conhecimento. Nem espiritualidade. Não se encanta com decorações natalinas, nem com um ipê florido no meio da avenida. Reivindica direito de expressão e não oferece ação. Atitude. Considera-se vítima dos pais. Julgam. Juízes duros! Impiedosos! Condenam. Choram pelo cachorro maltratado e desejam que o homem seja esquartejado. Compaixão duvidosa. Amorosidade mínima. “Preciso disso! Tem que aquilo!” E haja insatisfação! Infelicidade. Descontentamento. Adoecimento. Depressão. Suicídio...

Geração estragada. Inconformada. Presa em suas desculpas. Acomodada em suas gaiolas de ouro. Inerte, não assume a responsabilidade de viver, de se mexer, de traçar seu caminho, de enfrentar o que está fora da caverna de Platão.

Posta sorrisos, praias paradisíacas, mas não se banha do mar curador. Limpam o lixo na praia com os amigos e não arrumam a própria cama. Em casa, estampa tristeza, sofrimento, dor... a dor de ter que crescer sem fazer por onde merecer.

*Colaboração de Cristiane
Soares Galdino*



Não ame o seu trabalho ou sua carreira, isso é uma armadilha

Rodrigo Zeidan*

O maior truque do mundo moderno foi inventar a ideia de que as pessoas devem amar o que fazem. Vestir a camisa da empresa, criar uma identidade baseada no emprego e colocar as prioridades da empresa acima das suas são somente formas de entregar renda extra para empresas que, na maioria das vezes, não devolvem a lealdade que cobram dos empregados.

Vários estudos comprovam que trocar de empresa é a forma mais eficiente de subir na carreira e ganhar mais. Como as empresas fazem para manter os empregados ganhando menos do que poderiam? Criando a ideia de vestir a ca-

misa e cobrando lealdade.

Já cansei de receber colegas que queriam investir no seu desenvolvimento, talvez mudando de empresa ou carreira, mas pediam que eu não comentasse nada com seus chefes. Afinal, pensar em sair da empresa é traição!

É impressionante a presença da ideia de que nossa identidade DEVE estar ligada à nossa profissão. Pior, dizemos aos nossos filhos que eles devem sempre seguir o que amam, buscando no trabalho a realização pessoal. Mas nossa identidade não deveria depender do emprego. O salário deveria ser um meio de realizarmos o que queremos, e não um fim em si mesmo.

Claro que não amar o trabalho não significa ser um robô que trabalha somente em troca de salário. Respeitar os colegas, ajudá-los a subir na carreira e buscar relações nas quais a empresa e nós saíamos ganhando deveria ser o padrão. Mas não é. Não devemos jurar lealdade a uma entidade que muitas vezes não tem memória.

Pior é que, mesmo no caso de empresas familiares, colocar a empresa acima de tudo acontece. Cansei de ver famílias brigando porque o fundador colocava a saúde da empresa acima dos desejos e das habilidades dos familiares. E funcionários de empresa envolvida em casos de corrupção defendendo cegamente a organização.

Sou um medíocre jogador de tênis, basquete e role-playing games, leitor voraz de quadrinhos, ouvinte de thrash metal, visitante constante de museus, viajante incansável e muitas outras coisas antes de ser um professor de economia. Viveria feliz fazendo essas coisas se não precisasse trabalhar para viver.

Estudo muito para me manter atualizado na minha profissão, mas ela não me define. Busco criar relações de ganha-ganha com as empresas, mas sempre mantenho abertas opções para não tomar uma rasteira (e crescer

na carreira). Isso não me impede de ficar anos na mesma empresa, mas numa constante renegociação informal na qual não só um lado ganha.

No fundo, devemos dizer à nova geração: se concentre no que você tenha aptidão e que vá ter mercado no longo prazo. Busque ser feliz com outras coisas que não o trabalho. E gaste algum tempo criando opções de empresas e até carreiras. Só assim para que haja um equilíbrio saudável entre trabalho e lazer que permita que as pessoas tenham carreiras (e não somente empregos) e não se descubram acorrentadas a um emprego que só suga e pouco devolve. Há como ser o melhor no que se faz sem amar o trabalho.

Esse truque moderno de culpar as pessoas que buscam seus sonhos fora da empresa só tem um objetivo: retirar dinheiro do seu bolso. Afinal, quem não quer alguém supermotivado que vai trabalhar por um salário mais baixo porque ama o que faz?

A não ser que de bom grado você queira construir uma identidade na qual o emprego lhe defina, fuja dessa armadilha.

**Rodrigo Zeidan é Professor da New York University Shanghai (China) e da Fundação Dom Cabral. É doutor em economia pela UFRJ.*

Transcrito da Folha de São Paulo

O país que queremos

Oded Grajew*

Diante da redução dos recursos para as universidades, deveríamos nos fazer a seguinte pergunta: que país queremos construir, qual é o projeto do Brasil como nação?

Se quisermos um país debilitado e dependente economicamente, cidadãos empobrecidos e desinformados, uma massa fragilizada à espera de um salvador e facilmente manipulável por populistas e demagogos, basta asfixiar recursos da educação e empobrecer os currículos, retirando disciplinas que estimulam a reflexão e o pensamento crítico, como são, por exemplo, a sociologia e a filosofia.

Apesar dos discursos, e

ressalvando honrosas exceções, manter a educação nos atuais patamares é um projeto político de poder que se alimenta da dependência e do precário acesso à informação e ao conhecimento da maioria dos cidadãos.

Mas se quisermos um país próspero economicamente e competitivo internacionalmente, educação de qualidade é fundamental. Se quisermos reduzir a pobreza e as desigualdades e aumentar a renda das pessoas, educação de qualidade é fundamental. Se quisermos ter cidadãos conscientes, críticos, exigentes, atuantes, que acompanhem e cobrem dos governantes ética e eficiência, uma democracia participativa e consolidada, educação

de qualidade é fundamental. Se educação de qualidade é fundamental para a construção de um país que certamente corresponde à expectativa das pessoas que querem bem ao Brasil, ela deveria ser tratada de forma diferenciada, com absoluta prioridade.

A discussão não deveria ser se devemos ter uma determinada porcentagem do orçamento para a educação ou cortar uma determinada porcentagem dos recursos para se adequar à redução das receitas.

Deveríamos, isto sim, elaborar um programa que garanta educação de qualidade para todos (propostas e conhecimentos não faltam), dimensionar e alocar todos os recursos necessários para este projeto. Repito: dimensionar e alocar todos os recursos necessários para garantir educação de qualidade para todos os brasileiros.

Fariamos sacrifícios em todas as outras áreas, procurando poupar e preservar a população mais vulnerável. Poderíamos, inclusive, aumentar as receitas taxando os mais favorecidos. Educação seria a grande e absoluta prioridade, e o sacrifício de alguns anos em outras áreas seria recompensado pela construção de um país

próspero e com qualidade de vida para todos. Foi esta decisão que tomaram no passado todos os países que se tornaram desenvolvidos. A Coreia do Sul é o exemplo mais recente – o PIB per capita era a metade do Brasil nos anos 1980; atualmente, é o dobro.

O Brasil, vergonhosamente, é um dos países mais desiguais do mundo. Aqui, 5% da população auferem 95% da renda. Não há país que dê certo com este quadro. Recursos não faltam, mas são mal distribuídos. Precisar pagar para ter acesso à educação de qualidade alimenta e reforça as desigualdades. Educação pública de qualidade, oferecendo oportunidades iguais para pobres e ricos, é o caminho mais eficaz para reduzir as desigualdades.

O presidente Jair Bolsonaro (PSL) sempre cita Israel como exemplo. Foi exatamente essa escolha que o país fez desde sua fundação. Tinha enormes carências; havia, inclusive, racionamento de comida para os adultos. Mas os recursos da educação eram e continuam sendo sagrados. Governo e a população se viraram, fazendo sacrifícios para garantir tais recursos. Ninguém nunca ousou falar em cortes, mesmo em épocas de dificuldades. Nasci lá e sou o

resultado desta escolha. Alunos e professores eram e são reverenciados até hoje. Ninguém os chama de idiotas e imbecis. Atualmente, o PIB per capita de Israel é cinco vezes maior que o do Brasil.

Muitos pais fizeram e fazem sacrifícios, cortam na carne despesas, se desdobram para auferir mais renda, tudo para garantir que seus filhos possam estudar em boas escolas para ter um

futuro melhor. Certamente foi o que fizeram pais de vários leitores deste artigo. É desta escolha a nível coletivo, de governos e sociedade, que depende o futuro do nosso país.

**OdedGrajew é Presidente do Conselho Deliberativo da Oxfam Brasil, presidente emérito do Instituto Ethos e conselheiro da Rede Nossa São Paulo e do programa Cidades Sustentáveis
Transcrito da Folha de São Paulo*

Cada família do MFC

1 ASSINATURA POR ANO:

Este é um compromisso do MFC com a conscientização e evangelização das famílias. ASSINE E DÊ DE PRESENTE, CADA ANO.

fato e razão



Assinatura anual: R\$ 34,00



Envie o nome e endereço de um filho, amigo ou parente, compadre, afilhado, colega, vizinho, aluno, freguês...



Faça um cheque nominal, cruzado ao MFC ou



Efetue depósito na conta 27249-3, agência 3139-9 - Banco do Brasil;



Envie os dados pelo E-mail da Revista ou pelo Whatsapp (32) 98702-1600



E-mail: livraria.mfc@gmail.com

Tel: (32) 3235-8286, de 13:00 às 18:00

Distribuidora Fato e Razão - Rua Barão de Santa Helena, 68
JUIZ DE FORA/MG - CEP 36010-520



O primeiro dia do resto das nossas vidas

José Eduardo Agualusa*

A destruição da cidade da Beira, em Moçambique, é apenas o lado mais visível de um desastre de dimensões épicas, que arrasou vastas regiões da África Austral. Nesta altura ainda é difícil perceber toda a extensão da tragédia. Infelizmente, não se trata de um fenómeno isolado. O planeta entrou num ciclo novo, no qual, como consequência direta do aquecimento global, iremos assistir à multiplicação de grandes desastres ambientais. O que hoje ainda nos parece uma exceção, rapidamente se transformará em terrível rotina.

Países como Moçambique, que não têm nem nunca tiveram indústria nem agricultura extensiva, ou seja, que não contribuíram em nada para o aquecimento global, são vítimas inocentes de todo este processo, e deveriam ser resarcidos pelas grandes potências poluidoras, com destaque para China e EUA.

Se um carro atropela uma pessoa na calçada, o motorista tem obrigação de levar o atropelado para o hospital e de custear o seu tratamento. Não se espera que a vítima agradeça. Esta tem direito a uma justa reparação. Esgotou-se também o tempo em

que era possível tolerar aqueles que insistem, contra todas as evidências, em negar a ligação entre o aquecimento global e a ação humana.

Os negacionistas são moralmente responsáveis pelos desastres em curso. Quanto aos dirigentes políticos diretamente responsáveis por práticas contra o ambiente, esses são criminosos. Serão julgados um dia por crimes contra a natureza e contra a Humanidade. Acompanhei comovido a greve estudantil global que, no passado dia 15 de março, levou milhões de jovens às ruas, nas mais diversas cidades do mundo, protestando contra as más políticas ambientais responsáveis pela atual instabilidade climática. Há 40 anos, jovem estudante de agronomia em Lisboa, também eu escrevia e erguia faixas chamando a atenção para o aquecimento do planeta. Na época, éramos meia dúzia de inofensivos nefelibatas. Saíamos para as praças, com nossos cartazes, diante da indiferença geral. Ninguém queria saber.

Não teremos outros 40 anos para tomar decisões. Ainda que todos os países do mundo passassem a ser tão respeitadores do ambiente quanto a Dinamarca, já não seria possível anular os efeitos de décadas e décadas de ganância e de irresponsabi-

lidade. É possível, contudo, impedir desastres maiores. Precisamos, com urgência, repensar os atuais modelos de desenvolvimento, em particular no que diz respeito à utilização do solo. Não foi por acaso que há pouco citei a Dinamarca. O país escandinavo, que já é um dos maiores produtores e consumidores de produtos biológicos, pretende até o final do próximo ano duplicar a quantidade de terra cultivada sem recurso a pesticidas e outros venenos.

Sem surpresa, o Relatório Mundial da Felicidade de 2018, recentemente divulgado, volta a colocar os países escandinavos entre os mais felizes do mundo. O Brasil faria melhor em tomar esses países como exemplo, ao invés dos Estados Unidos, uma potência ao mesmo tempo predadora e suicida, cujo presidente se obstina em negar o aquecimento global. O mesmo vale, evidentemente, para Moçambique. Num mundo tão carente de referências talvez nos baste, afinal, olhar para o Norte.

Há 40 anos, saíamos com cartazes sobre o aquecimento global. Ninguém queria saber. Não teremos outros 40 anos para tomar decisões

*José Eduardo Agualusa é
Jornalista e escritor
Transcrito de O Globo*



OS DIFERENTES NA SEXUALIDADE

A DIFÍCIL E NECESSÁRIA TAREFA DE ENSINAR AOS
NOSSOS FILHOS A RESPEITAREM OS
RELACIONAMENTOS CONTEMPORÂNEOS

Fátima Fontes*

"A mulher respondeu: – O senhor é judeu, e eu sou samaritana. Então como é que o senhor me pede água? (Ela disse isso porque os judeus não se dão com os samaritanos.)" (Jo 4.9)

Quero refletir neste texto sobre a desafiadora tarefa familiar de se ensinar aos filhos acerca das atuais formas de comportamento sexual e

os novos arranjos relacionais, que diferem daquele que cremos ser o padrão sexual proposto a partir da nossa crença cristã, de um Deus que nos criou homem e mulher para que nos completássemos sexualmente.

O maior desafio fica com os pais e cuidadores, que na maioria das vezes nunca lidaram com a atual multifor- midade na apresentação da sexualidade humana. Não entendemos, a partir da fé

que professamos, que tenha sido esse o plano de nosso Deus para nossa sexualidade e nossos relacionamentos, mas também sabemos do quanto, desde o começo da criação, decidimos, humanamente falando, não realizar o plano de Deus.

DESCONSTRUINDO O RELATIVISMO

Visto que nossos filhos aprendem na família os valores que lhe são passados por seus cuidadores, torna-se fundamental que os responsáveis por esse ensino de valores deixem claro para as crianças e adolescentes aquilo que para nós é entendido como o plano de Deus.

Não se trata de dizer-lhes para rejeitar os atuais padrões e formatos de relacionamentos, mas sim que eles precisam ouvir de seus cuidadores que, para eles, as variações na sexualidade e arranjos relacionais atuais apresentam, segundo a crença cristã por eles professada, uma alteração lamentável do plano original de Deus.

Segundo o que cremos, Deus nos criou para o arranjo sexual e relacional a partir da complementação de nosso gênero homem e mulher. É preciso também deixar claro para as crianças e adolescentes que os papéis sociais de homem e mulher foram es-

tabelecidos em nossa cultura com propostas de ações mais específicas para cada gênero e que os cuidadores das crianças concordam em seguir esse mapa social, ficando de fora as atitudes que parecem confundir e misturar os gêneros.

Devemos perder o medo que se instalou na educação de crianças e adolescentes de dizer aquilo no que pautamos nossa conduta e crença, ainda que isso seja diferente de novos conteúdos e novas pautas que estão sendo propostos para sexualidade e relacionamentos.

ENSINANDO O RESPEITO ÀS DIFERENÇAS

Cremos, a partir de nossa fé cristã, no que Jesus nos ensinou sobre vivermos no mundo e não fora dele, afinal ele orou por nós pedindo a Deus que não nos tirasse do mundo, mas nos livrasse do mal.

Sendo assim, temos de lembrar aos pais e cuidadores os princípios fundamentais para a boa convivência humana que devem nortear seu ensino, tanto em relação àquele que pensa como nós, quanto em relação àquele que pensa e se apresenta diferente de nós: os princípios do respeito e da tolerância.

Na epígrafe deste artigo temos a bússola para esse ensino familiar: o encontro respei-

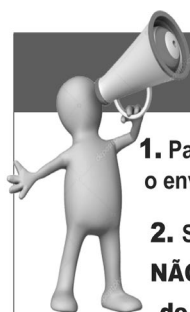
toso de Jesus com a diferente mulher samaritana. Se acompanharmos a narrativa bíblica, apesar de todas as diferenças entre eles e de a vida daquela mulher não seguir o plano de Deus para ela, Jesus a dignificou como mulher, como ser humano, e lhe pediu algo; em resumo: ele se relacionou com ela.

Fica a lição: nossos filhos e alunos precisam conviver, de modo respeitoso e digno, com as pessoas que pensam e agem diferente daquilo que eles aprenderam. Não há uma "lepra" naquele que é diferen-

te de nós e Jesus repudiou, de modo veemente, a conduta estigmatizante (aquela que segrega e desrespeita o diferente) religiosa.

Que sejamos sábios, misericordiosos, respeitosos e tolerantes com o atual cenário da sexualidade humana e de novos modelos de relacionamentos, salvaguardando o que cremos.

**Fátima Fontes é Psicóloga clínica, terapeuta familiar, doutora em psicologia pela Universidade de São Paulo (USP) e membro pleno do Corpo de Psicólogos e Psiquiatras Cristãos (CPPC).*



AVISO AOS ASSINANTES

1. Para renovação de sua assinatura utilize **PREFERENCIALMENTE** o envelope de depósito bancário que lhe for encaminhado.

2. Se utilizar outro envelope ou fizer uma transferência, **NÃO DEIXE DE NOS INFORMAR**, pelo tel **(32) 3235-8286**, de **13:00 às 18:00** ou pelo endereço eletrônico da livraria MFC:

livraria.mfcgmail.com ou ainda pelo **whatsapp (32) 98702-1600**.

3. Caso a remessa de sua revista seja interrompida, favor também nos comunicar pelos meios acima, pois seu pagamento poderá estar pendente de identificação.

4. O vencimento de sua assinatura será comunicado com a remessa do último número pago, juntamente com o envelope bancário para depósito da renovação.



**Temos o máximo
prazer em mantê-lo
como assinante.**



Deonira L. Viganó La Rosa

Sempre que estou em grupo, ou face a face, e ouço pessoas falarem mal de seu esposo ou esposa, sinto-me muito constrangida. Há anos me questiono: Por que esse fato acontece, e até com frequência? E por que muitas vezes os presentes aproveitam para reforçar e fazer o mesmo em relação a seus próprios cônjuges?

Coloque-se no lugar do seu marido, de sua mulher, com certeza ele(ela) ficaria muito magoado(a) se ouvisse o que de negativo você diz dele, dela, frente aos outros.

Para completar, de tanto falar algo negativo de seu companheiro (companhei-

ra), ele (ela) provavelmente vai se tornar aquilo que você tanto diz.

É claro que algum dia você pode perder o controle e falar algo que está lhe incomodando. Mas, se você ama e respeita seu parceiro, seguramente não o fará com desprezo. E será apenas um episódio pontual, o risco está em fazer a crítica regularmente. A crítica regular é um verdadeiro veneno para uma relação afetiva.

Quando uma pessoa percebe que, com frequência crítica o respectivo parceiro (ou parceira), é melhor parar para refletir sobre todas as qualidades do cônjuge. Treinar o pensamento positivo é meio caminho para que sejamos

capazes de expressar na dose certa o carinho e a admiração que sentimos pela pessoa que escolhemos.

Lembre-se que quem fala mal de seu cônjuge fala mal também de si mesmo. Expor os defeitos do marido é expor os nossos em dobro.

PALAVRAS DO PAPA FRANCISCO

Casualmente, li parte da *Amoris Laetitia* – nela o Papa Francisco faz sua exortação sobre o amor na família. Pareceram-me tão verdadeiras suas palavras em relação a falar mal ou falar bem do cônjuge, que decidi colocá-las aqui literalmente:

“Os esposos, que se amam e se pertencem, falam bem um do outro, procuram mostrar mais o lado bom do cônjuge do que as suas fraquezas e erros. Em todo caso, guardam silêncio para não danificar sua imagem. Mas não é apenas um gesto externo, brota de uma atitude interior. Também não é a ingenuidade de quem pretende não ver as dificuldades e os pontos fracos do outro, mas a perspectiva ampla de quem coloca estas fraquezas e erros no seu contexto; lembra-se de que estes defeitos constituem apenas uma parte, não são a totalidade do ser do outro:

um fato desagradável no casamento não é a totalidade desse relacionamento. Assim é possível aceitar, com simplicidade, que todos temos em nós uma complexa combinação de luzes e sombras. O outro não é apenas o que me incomoda; é muito mais do que isto. E, pela mesma razão, não lhe exijo que seja perfeito o seu amor para apreciá-lo: ama-me como é e como pode, com os seus limites, mas o fato de seu amor ser imperfeito não significa que seja falso ou que não seja real. É real, mas limitado e terreno. Por isso, se eu lhe exigir demais, de alguma maneira me fará saber, pois não poderá nem aceitará desempenhar o papel de um ser divino nem estar a serviço de todas as minhas necessidades. O amor convive com a imperfeição, desculpa-a e sabe guardar silêncio perante os limites do ser amado” (nº 113)

Faça hoje um sério propósito: Evite diminuir seu marido, sua mulher. Busque nele as coisas maravilhosas pelas quais você se apaixonou e concentre-se nelas. Seu casamento e relacionamento dependem disso.

**Deonira L. Viganó La Rosa
é Terapeuta de Casal e de
Família. Mestre em Psicologia.*

Vejam como o papa adota o conceito de soberania alimentar, como arma para combater a fome, como defende há anos a via campesina



PAPA DEFENDE SOBERANIA ALIMENTAR EM PALESTRA NA FAO

"A fome não tem presente nem futuro. Só passado": uma frase que não deveria só ser 'slogan, mas uma verdade'. A afirmação foi do Papa Francisco ao abrir o Conselho de Governadores do FIDA [Fundo Internacional de Desenvolvimento Agrícola], no encontro que aconteceu na sede da agência das Nações Unidas para a alimentação e a agricultura (FAO). Francisco, que convocou um Sínodo sobre a Amazônia a ser realizado durante o mês de outubro no Vaticano, também se reuniu com uma delegação de populações indígenas da África, Ásia, América e do Pacífico.

A reportagem é de Salvatore Cernuzio, publicada por Vatican Insider, 14-02-2019. A tradução é de Graziela Wolfart.

"Minha presença [nesta reunião] tem como objetivo trazer a esta sede os anseios e necessidades de uma multidão de irmãos nossos que sofrem no mundo", disse em espanhol o Pontífice da encíclica "Laudato si'". "Gostaria que pudéssemos olhar seus rostos sem nos envergonharmos, porque finalmente seu clamor foi ouvido e suas preocupações atendidas", prosseguiu o Papa, recordando suas "precárias" condições de vida: "o ar está

viciado, os recursos naturais dizimados, os rios contaminados, os solos acidificados; não têm água suficiente para eles próprios nem para seus cultivos; suas infraestruturas sanitárias são muito deficientes, suas casas escassas e defeituosas”, afirmou.

Francisco elogiou e animou o compromisso da “comunidade internacional, da sociedade civil e de todos que possuem recursos”, porque “não se deve fugir das responsabilidades, passando-as uns para os outros, mas devem ser assumidas para oferecer soluções concretas e reais”. Também pediu aos participantes que se comprometam para que a difícil frase “A fome não tem presente nem futuro. Só passado” seja “não um slogan, mas uma verdade”.

A chave para acabar com a fome, portanto, é promover o “desenvolvimento rural”, e para isso é necessário garantir “que cada pessoa e cada comunidade possa desenvolver suas próprias capacidades de um modo pleno, vivendo assim uma vida humana digna desse nome”; não aplicando um sistema de ordens que se executem de cima para baixo; “mas trabalhando com eles e para eles”, para que os povos e as comunidades “sejam responsáveis pela própria produção e pelo próprio progresso”, uma vez que

“um povo que recebe uma ajuda que gera dependência não pode se desenvolver”. O Papa elogiou a maior descentralização que foi adotada nos últimos tempos pelo FIDA (“a promoção da cooperação sul-sul, a diversificação de fontes de financiamento e as modalidades de ação, promovendo ações baseadas na evidência de que, ao mesmo tempo, gerem consciência”) e animou a “seguir por este caminho, que sempre deveria levar a melhorar as condições de vida das pessoas mais necessitadas”.

Na sede da FAO de Roma, o Papa se encontrou com um grupo de representantes de diferentes populações indígenas. Francisco saudou um a um os 38 delegados de 31 diferentes povos da América, África, Ásia e da zona do Pacífico, segundo explicou o diretor interino da Sala de Imprensa vaticana, Alessandro Gisotti, e alguns lhe deram estolas artesanais. O Fórum Internacional dos Povos Indígenas do FIDA, criado em 2011, é uma plataforma de diálogo permanente entre os representantes dos povos indígenas, o fundo da ONU e os governos internacionais. Este ano, o Fórum se concentra na promoção do uso dos conhecimentos das populações indígenas para permitir desenvolver resiliência em relação ao clima e facilitar um desenvolvimento sustentável.

MEDELLIN 1968

QUANDO A IGREJA VIROU FONTE

Maria Clara Bingemer *

O ano de 1968 marcou a história da humanidade. Na Europa, acontecia a grande revolução cultural que mudou os padrões de vida do mundo ocidental e reforçou a importância das jovens gerações.

No Brasil, viviam-se os tempos sombrios da ditadura militar e do Ato Institucional número 5. Para a Igreja, no entanto, o mesmo ano foi marco de um grande acontecimento: a II Conferência dos bispos de todo o continente em Medellín, Colômbia. Após o Concílio Vaticano II, que trouxe um sopro de abertura e renovação para

toda a Igreja, a América Latina queria relê-lo e implantá-lo no seu contexto. E foi isso que fez em Medellín. Concebeu um novo horizonte em sua auto-compreensão e em sua ação pastoral. Deixou de olhar para dentro de suas fronteiras e voltou sua atenção para a realidade na qual estava imersa e situada.

Ao olhar em volta e mergulhar a atenção na realidade, os bispos viram uma desigualdade gritante entre ricos e pobres e uma opressão e violência institucionalizadas. Constataram que o maior continente cristão do mundo era igualmente aquele que abrigava o maior ní-



e razão

vel de injustiça, O clamor das vítimas desse estado de coisas se fazia ouvir e chegava ao coração dos pastores.

Foi assim que a Conferência de Medellín se comprometeu a estabelecer novas prioridades para seu trabalho pastoral, guiada pelo binômio inseparável fé e justiça. Entre todos os fiéis que viviam no continente, a atenção privilegiada do trabalho pastoral deveria ser direcionada para os mais pobres.

Uma opção preferencial deveria ser feita por eles. Uma vez estabelecida essa diretriz maior, outros compromissos foram estabelecidos. Para pensar a fé a partir de uma atenção privilegiada aos pobres, havia que criar um novo modo de fazer teologia. Nascia ali o embrião da que depois foi chamada de "Teologia da Libertação". As teorias do desenvolvimento ganhavam força naquele período, mas a Igreja escolhia o termo "libertação" por acreditar ser mais profundo e acertado que o primeiro.

A articulação das comunidades de uma Igreja que assim se concebia ia acontecendo nas bases. Pequenos grupos de pessoas se reuniam em torno da Palavra de Deus, aplicando-a para sua vida de cada dia. Esse movimento cresceu e se es-

palhou por todo o continente, trazendo ar fresco e vida nova para aqueles que encontravam no Evangelho sua maior esperança. Os bispos em Medellín acolheram com alegria essa "eclesiogênese" e se dispuseram a acompanhá-la com carinho.

A pergunta lançada pelas conclusões da II Conferência era: o que significa ser cristão em um continente de pobres e oprimidos? Significou para muitos não apenas ajudar os pobres, mas partilhar com eles, em alguma medida, os efeitos dolorosos da injustiça e da opressão. Implicou fazer mudanças profundas em suas próprias vidas para serem fiéis a este propósito. Falar a língua das culturas indígenas e nativas, valorizando suas tradições, rituais e modos de culto. Integrar essas culturas como parte constitutiva do discurso e da prática eclesial.

Hoje, 50 anos depois, importa celebrar esse grande acontecimento e continuar a pôr em prática tudo que com ele foi vivido e aprendido. Em Medellín, a Igreja latino-americana deixou de autocompreender-se como réplica da Europa. Em palavras do eminente e saudoso jesuíta brasileiro Henrique de Lima Vaz, era preciso deixar de ser uma Igreja-reflexo e passar a ser uma Igreja-

ja-fonte. E assim o disseram os bispos reunidos em 1968. A Igreja do continente assumia sua vocação e destino de ser fonte de um novo modelo eclesial.

Em um mundo globalizado como o nosso hoje, as intuições proféticas de Medellín continuam válidas e inspiradoras. Para anunciar a alegria do Evangelho, é preciso encarnar-se nos contextos e culturas para conhecê-los a partir de dentro. No entanto, esse mesmo processo de encarnação obriga a sair para fora do já conhecido e dos li-

mites interinstitucionais

O pontificado do Papa Francisco confirma toda essa trajetória eclesial que festeja cinco décadas. A Igreja em saída por ele proposta é a confirmação das prioridades de Medellín e a garantia de que hoje é preciso continuar a pisar os caminhos ali abertos.

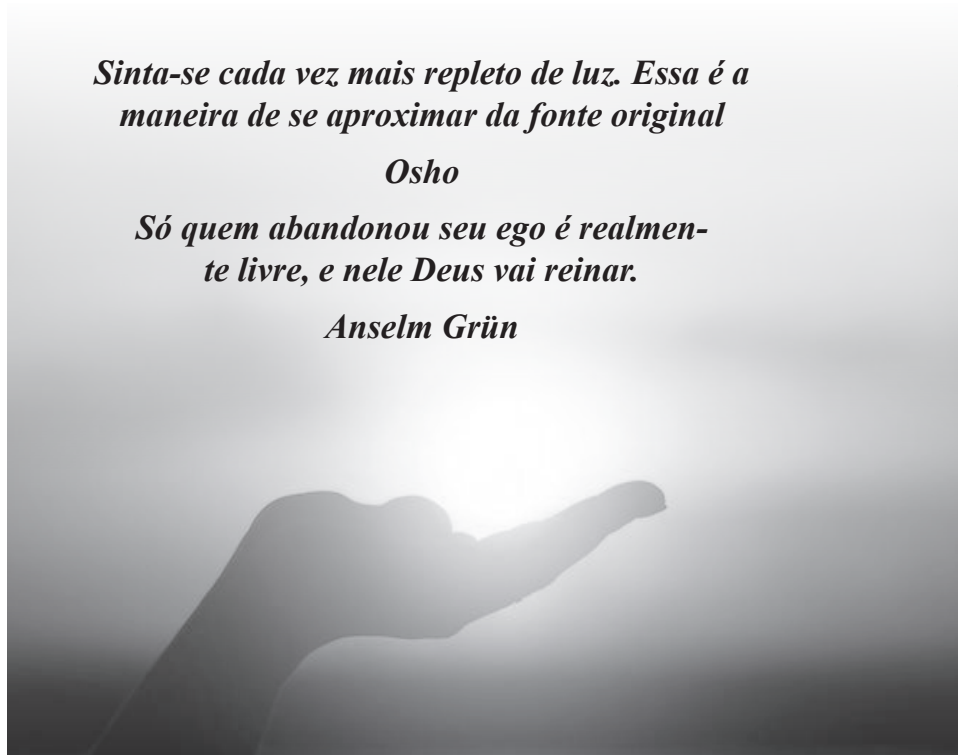
**Maria Clara Bingemer é
Escritora do Departamento
de Teologia da PUC-Rio e
autora de Testemunho:
profecia, política e sabedoria
Editora PUC-Rio e Reflexão
Editorial; entre outros livros*

***Sinta-se cada vez mais repleto de luz. Essa é a
maneira de se aproximar da fonte original***

Osho

***Só quem abandonou seu ego é realmen-
te livre, e nele Deus vai reinar.***

Anselm Grün



ESTADOS SOBERANOS



Tarcísio Delgado*

Os estados mais poderosos do mundo, aqueles que podem servir de exemplo para a parcela dos subdesenvolvidos, onde se inclui o Brasil, estão localizados na Europa, nos Estados Unidos, na China, no Japão, na Rússia, na Indonésia e na Índia.

Estes estados são tidos como mais ricos, robustos, dominadores, porque apresentam dados de povos avançados pelo que oferecem de vanguarda na educação e cultura, na saúde, na segurança, nos transportes, no saneamento, na energia. Podem garantir à população, de forma avançada, esses serviços essenciais. Aliás,

só alcançaram este patamar por assegurarem, há tempos, esse status à sua população. Ali, preponderam os estados democráticos de direito ou os que adotam o regime de liberdade social, longe do neoliberalismo econômico do livre mercado. Todos regulam e exercem controle sobre suas economias. A atividade econômica é exercida pela iniciativa privada, ou pública, ou, ainda, pela parceria público-privada.

A partir da década de 1940 do século passado, o genial mestre Milton Friedman criou a Escola Monetarista, na Universidade de Chicago. Para infelicidade de muitos países e de seus povos, este gênio formou um grupo de jovens, que tomou o nome de "Chi-

cago's Boys", ou "Garotos de Chicago», e o espalhou pelo mundo. Sob o aspecto cultural, o time de Friedman, muito erudito e com enorme histórico acadêmico, passou a atuar em vários países, com o objetivo de implantar o livre mercado, com Estado mínimo e supremacia do monetarismo. O money passou a prevalecer. Estava lançado o "cassino mundial". Com o monetarismo, o dinheiro é que manda. Nada dá tanto lucro como os bancos. A concentração da riqueza se tomou uma realidade amarga para a imensa maioria. Já a partir da década de 1970, os "Chicago's Boys" passaram a combater outro gênio, John Maynard Keynes, que defendia a importância do Estado na regulação do processo econômico. Nada contra os poucos muito ricos - 10% da população -, tudo contra os muitos muito pobres - quase 50% da população. Só o Estado soberano, não o autoritário, e sim o democrático de direito, pode combater a imensa desigualdade social prevalente em nosso mundo.

A teoria do liberalismo econômico, a partir de Adam Smith, no século XVIII, veio dar no neoliberalismo que, na verdade, dentro de uma perspectiva histórica, recente, contemporânea mesmo, não funcionou positivamente em lugar nenhum. Com Milton

Friedman e Friedrich Hayek, os economistas passaram a prevalecer sobre os filósofos. O filósofo se ocupa do ser humano, o economista está preocupado com o dinheiro.

A democracia é o regime que impede que os poderosos explorem a maioria do povo. Está em Stuart Mill que a liberdade democrática não pode ser de tal ordem que permita à minoria explorar a maioria. Adam Smith, liberal de puro sangue, defendia, já no século XVIII, impostos diferenciados, e admitia esses impostos diferenciados, afirmando que "as carruagens paguem mais pedágio do que as carretas com provisões, porque assim os alimentos serão mais baratos". E acrescenta: "O Estado tem de fazer um enorme esforço para difundir, entre a população comum, escolas e atividades que acarretem conhecimentos de leitura, escrita e aritmética; fundando colégios em todas as paróquias". Os poderosos muito ricos podem pagar professores e escolas particulares, algo inalcançável para as pessoas comuns. No Brasil, o 1% dos mais ricos fica com 27% da renda nacional. Não cobrar tributo mais elevado dos muito ricos é homologar a desigualdade infame. "Se a reforma trouxe injustiça, não há reforma", está em Burke, trazido por Kant.

Está ainda outra vez em Stuart Mill, liberal de muito prestígio no século XIX: "O poder dos indivíduos admite a regularização do poder do Estado, e este se exerce, justamente, para impedir que os poderosos avassalem a liberdade de seus vizinhos".

A Inglaterra, de Thatcher; os Estados Unidos, de Nixon e Reagan; o Chile, de Pinochet; a Argentina, de Jorge Videla, entre tantos outros, sofrem até hoje com o desarranjo de suas economias, com graves reflexos e retrocessos nos seus processos de desenvolvimento. Assistem a piorar sobremaneira os serviços sociais aos seus povos, deveres do Estado, já mencionados.

É fundamental saber fazer a diferença entre o liberalismo clássico desde o início do século XVIII, no ensinamento de Stuart Mili, e o liberalismo econômico, o neoliberalismo e o monetarismo contemporâneos dos últimos 50, 60 anos. Este é o que defende o Estado mínimo e o livre mercado.

Vem do mestre Jean-Jacques Rousseau a necessidade de um pacto que harmo-

nize o interesse individual com o coletivo. Do indivíduo para a família e daí para o Estado. Soberano é o povo. A democracia é o regime que impede que a minoria dos poderosos explore a maioria do povo. A liberdade não pode ser de tal ordem que permita à minoria explorar a maioria.

Os neoliberais de nossos dias defendem o Estado mínimo e o livre mercado, com ampla privatização desnacionalizante de nossa economia. Esta é uma prática perversa, porque, a curto prazo, com a venda de nossas riquezas, o Estado que desejam mínimo consegue recursos para fazer alguma coisa. Acontece, porém, que este Estado mínimo, alienando seus bens, em algum tempo, não tem mais o que alienar, nem a quem recorrer. Será MINIMO mesmo. E a educação, a saúde, a cultura, a energia, o transporte e a segurança serão garantidos por quem? Para os poucos muito ricos não faltarão. E para a imensa maioria dos pobres?

Tarcísio Delgado
Ex-prefeito de Juiz de Fora

***Toda situação de completo despojamento faz-nos
sentir mais livres***

Frei Betto

Meu pai, meu grande amigo

Tive o privilégio de ser filha de Sérgio Lázaro Dantas, homem simples de caráter inquestionável, íntegro e coerente em suas ações. Ensinou aos quatro filhos que a fé é o fundamento da vida cristã e o amor, a sua prática. Dizia nos sempre que não se pode ser feliz sem amar ao próximo. Ensinou nos os valores da humildade e da simplicidade. Posicionou-se sempre contra a ideologia dominante do lucro acima do ser humano.

Sérgio nasceu em Jaguarião, cidadezinha no estado do Rio Grande do Sul, em 1936. Seu pai, o veterinário Avelino Dantas, faleceu quando ele tinha apenas 3 anos de idade e sua mãe Maria Lázaro Dantas, que na época não trabalhava, mudou-se para Bangu, no Rio de Janeiro, onde tinha família, arranjando emprego de datilógrafa.

Nesta época, quando ele tinha 7 anos, seu avô Nicolau e sua avó Rosa passaram a ser fundamentais em sua criação. Vovó Rosa, como ele a chamava, sempre o tratou com muito carinho. Ela trabalhava em casa, fazendo de tudo e ainda tinha tempo para cuidar do neto.

Sérgio era muito intelligen-



te sempre gostou muito de ler, formou-se em Arquitetura pela Faculdade Nacional (UFRJ), casou-se com Lúcia Maria de Miranda Dantas.

Começou a interessar-se pela fé cristã quando foi chamado por amigos a participar do Movimento Familiar Cristão, em 1971. Junto com minha mãe assumiu a coordenação nacional do MFC, de 1986 a 1989.

Através do MFC, ele conheceu a Teologia da Libertação e como levava tudo que fazia ou participava muito a sério, resolveu aprofundar seus conhecimentos, matriculando-se na faculdade de Teologia da

Pontifícia Universidade Católica (PUC), após graduar-se, foi convidado para ser professor da PUC, onde atuou por um período de dez anos.

Durante todo o período que pertenceu ao MFC, preocupou-se em partilhar seus conhecimentos, advindos de muita leitura e de sua graduação em teologia. Para tanto, estava sempre disposto a dar cursos e palestras onde fosse convidado. Um dos cursos que ele deu, durante alguns anos foi para as irmãs da ordem franciscana. Deu cursos e palestras na Igreja São Camilo e na Igreja São José e Nossa Senhora das Dores.

A teologia da libertação fez Sérgio conscientizar-se das injustiças e desigualdades sociais, proporcionadas pelo sistema capitalista. Sua fé cristã manifestava-se em suas ações; levando-o ao engajamento na política, filiando-se ao Partido dos Trabalhadores (PT), logo no surgimento do partido. Participava de mani-

festações de rua, mostrando-se sempre indignado com a grave realidade político-social vivida no país, afetando de forma mais grave a população de baixa renda. Nunca teve medo de repressão, apesar de ter sofrido preconceitos em seu trabalho na Caixa Econômica Federal.

Adorava os 8 netos, com cada um deles mantinha uma relação diferente. Com Alice, gostava de jogar xadrez; com Igor, conversava sobre política e sobre futebol. Uma vez preparou com todo carinho um curso sobre o evangelho para os netos, Júlia, Clara, João e Marina. O neto mais velho, Igor, não participou porque morava em Friburgo, as outras três, Anita, Teresa e Alice eram muito pequenas na época.

Enfim, meu pai deixou muitas saudades, não só para a família como para muitos amigos, que nos brindaram após a sua morte com muitas histórias, e muitos ensinamentos passados por ele.

*Nada volta. Mas
graças a Deus algumas
coisas recomeçam.*



UM PAÍS DE MORTE

Brasil tem números aberrantes de perversão social e acredita em soluções de papel

Vinicius Torres Freire*

Quase todo morticínio brasileiro tem firma reconhecida. Até no assassinato em massa somos cartoriais, por assim dizer. Depois de uma desgraça, costuma aparecer um documento qualquer, a prova do descaso homicida, que, no entanto, apodreceu em uma gaveta da burocracia. Nada se fez.

Por vezes, se descobre em empresas um email que registra gambiarras mortais ou propina para abafar risco de mortandades. Ou, então, apresentam-se laudos de fancaria ou um papelório santarão sobre "responsabilidade social", "valores", cinismos

para camuflar negligências criminosas.

Está aí a tristeza infinita dos horrores no Flamengo ou na Vale da morte para demonstrar o caso.

É um país em que jacus ignaros, autoritários e populistas fazem propaganda do endurecimento de penas para assassinos. Mas não tomam atitudes para fazer com que o Estado saiba por onde andam os criminosos e os prenda, quando não contratam milicianos. São marqueteiros da letra morta da lei no papel.

Apenas 2% ou 5% ou 8% dos homicídios são esclarecidos (sim, os números são

vários porque nem sabemos direito o que não sabemos). Mesmo que a cana dura tenha efeito dissuasivo, no nosso caso isso é irrelevante, pois a expectativa de cumprimento de pena é mínima.

É um país de papel. “Na minha pátria/ Onde os mortos caminhavam/ E os vivos eram feitos de cartão”, versos de Ezra Pound, que também não valia nada, mas escreveu grandes poemas. Por que a gente é assim?

Causa tédio escarninho ouvir que “o problema do Brasil é a impunidade”. Está bem, cidadão. O que causa impunidade contínua? Além do mais, o cidadão sabe aí qual a relação entre taxas de punição e correição?

É uma pergunta retórica sarcástica para esse argumento que, assim posto, é bobagem de botequim ou, hoje em dia, de Twitter e redes insociáveis.

O problema é sempre mais enrolado. Cana dura pode ajudar, mas o nosso ambiente social e politicamente tóxico continua.

Em 2012, foram condenadas duas dúzias de mensaleiros, “julgamento histórico”, “fim da impunidade”. Foi o mesmo ano em que o investimento da Odebrecht em suborno chegava ao máximo

(como proporção do faturamento).

Em 2014, com Lava Jato e com tudo, a despesa odebrechtiana com propina não era muito menor. Em 2015, Eduardo Cunha era eleito presidente da Câmara. Etc.

O que é possível suspeitar, com evidências importantes, é que o Brasil é especialmente violento, disfuncional e desigual; ainda mais aberrante se considerado seu nível de renda.

A taxa de homicídio por aqui está entre as dez maiores do mundo. A terceira, se tiramos da lista micropaíses incomparáveis (Santa Lúcia, Ilhas Virgens, El Salvador, por exemplo). São dados das Estatísticas Internacionais da ONU sobre Drogas e Crime, 2016.

O Brasil é um dos dez países de maior desigualdade de renda (o quarto, pelo índice de Gini, segundo estatísticas compiladas pelo Banco Mundial, dados do entorno de 2015).

A taxa real de juros bancários é uma das três maiores do mundo (dados do FMI deflacionados pelo Banco Mundial, 2017).

No caso da taxa de mortes por acidentes de trânsito, estamos em 131º lugar (taxa relativa apenas

ao tamanho da população, para 2013, dados da Organização Mundial da Saúde). Isto é, há 130 países mais pacíficos. Sim, há 59 países ainda piores que o Brasil, mas quase todos no extremo da miséria e da falta de infraestrutura.

Em aspectos vitais, o Brasil é uma aberração perversa.

**Vinicius Torres Freire, Jornalista, foi secretário de Redação da Folha. É mestre em administração pública pela Universidade Harvard (EUA).*

Transcrito da Folha de São Paulo

Banho de alegria

Um chuveiro itinerante está dando uma “ducha” de dignidade e cidadania para pessoas em situação de rua na cidade do Rio de Janeiro. (RJ).

Batizado de Banho da Alegria, o projeto social permite a essas pessoas realizarem, gratuitamente, a higiene básica. Uma iniciativa da estudante Ana Paula Rios, 31 anos, e da psicóloga Marihá Lopes, 30 anos, moradoras do bairro Engenho Novo, na Zona Norte da cidade.

Ambas já faziam trabalhos sociais, especialmente na área da Saúde, mas quiseram ir além. A estrutura, uma espécie de trailer adaptado, tem dois chuveiros: um com água fria e outro com água quente. O pai de Ana, o soldador autônomo Paulo da Costa Rios, levou uma semana para construir o chuveiro itinerante.

O dinheiro para começar o Banho da Alegria foi coletado com uma vaquinha online, rifas, bazares e doações recebidas. Os beneficiados têm direito a sabonete, xampu, condicionador e toalha. O material é fruto de doações.

A cada 15 dias, o projeto visita diferentes pontos da cidade - os voluntários se revezam nas visitas.

<https://razoesparaacreditar.com> e o Colabora (contato@projetcocolabora.com.br)





SOBRE CRISES CONJUGAIS

A ocorrência de crises de relacionamento conjugal é um dos fatos mais presentes hoje em dia em qualquer comunidade social.

Os comentaristas do tema chegam mesmo a classificá-las e rotulá-las em ordem sequencial como “crise dos 2 anos”, “crise dos 4 anos”, “crise dos 7 anos” e por fim “crise dos 10 ou mais anos”, algumas até com nomes bem expressivos. Isso não significa que o casal tenha que passar consecutivamente por essas crises, mas que, nestes tempos de relacionamento, podem ocorrer dificuldades que rendam ou não uma crise conjugal.

Os sociólogos, por outro lado, nos informam que na família patriarcal, modelo vi-

gente até meados do século passado, a “estabilidade” era a maior característica dos relacionamentos conjugais estabelecidos, enquanto que na família pós-moderna a “instabilidade” é que é a tônica. Em outras palavras antes se casava para sempre, para o bem ou para o mal, enquanto hoje, casa-se para viver a paixão e que ela seja eterna enquanto dure. Como disse Vinícius de Moraes. E como ela não dura para sempre, casa-se já prevendo separar e casar de novo.

Um outro aspecto interessante da crise, refere-se ao valor que se dá a ela, se negativo ou positivo; veja-se que nos dois exemplos de família apresentados (patriarcal e pós-moderno) ainda

que apresentem consequências opostas o valor atribuído à crise, é sempre negativo, apenas com graus diferentes de desastre definitivo ou fracasso temporário. No caso, cabe recuperar a visão positiva que diz ser a crise em si benéfica porque nos provoca a tentar sair dela; seja a crise uma oportunidade de crescimento pessoal ou conjugal e que não deve ser abandonada como na solução simplista de separação.

Feitos estes comentários acerca das crises conjugais, eles são informativos e interessantes, mas nada adianta no que se refere à sua superação que a única coisa importante a fazer quando ela se estabelece.

Não vamos traçar aqui nenhuma receita de como sair da crise, nem dar dicas de auto-ajuda que resolvam as dificuldades existentes. O que vamos fazer é listar atitudes e comportamentos individuais e conjugais que possam ajudar a melhor compreender o que está se passando com a relação dos dois e apenas sugerir o que não deve ser feito. A primeira consideração é a de procurar saber se quer mesmo superar a crise e tentar um relacionamento melhor com o seu parceiro/parceira. Isso pode parecer muito fácil de responder, mas na verdade não é. Algu-

mas vezes o relacionamento já evoluiu para uma crise séria o casal só se relaciona pelo negativo, se agredindo mutuamente e sair da crise significa, então, deixar de se relacionar, já que eles desaprenderam o relacionamento atencioso e carinhoso; e como reaprender é difícil.

isso pode parecer pior para os dois. Outras vezes o relacionamento original foi estabelecido a partir de crenças e valores individuais ou sociais que não combinavam ou até mesmo se chocavam com os anseios e desejos mais íntimos de cada um que foram sufocados-Como a ética decisiva da felicidade está ligada bem mais ao íntimo do ser do que a sua inserção social, essas crenças e valores teriam que ser abandonadas, o que é muito penoso fazer, pois falta coragem e ousadia para voar sozinho.

No entanto, sem essa vontade clara e firme de querer sair da crise, nada pode ser feito. Gaste o tempo que for necessário; individual ou com acompanhamento profissional, mas tome a sua decisão e só prossiga se ela for positiva.

A segunda consideração é não perder tempo e energia procurando definir de quem foi* a culpa pelo fato de estar em crise. Ainda que houvesse um método infalível para de-

terminar quem é o maior culpado, esse conhecimento não ajuda em nada em sua superação e, ao contrário, pode até atrapalhar porque constituirá sempre em um argumento de um contra o outro. De outro modo, guarde o seu tempo e sua energia para a etapa da superação das dificuldades.

A terceira consideração é não fazer plano ou programa de modificação do outro/outra para eliminar dificuldades na relação. Convença-se de uma vez por todas que a única pessoa que pode mudar o outro é ele mesmo, se assim o quiser. Portanto, qualquer plano para mudar o outro é inútil e perda de tempo. A única coisa produtiva neste caso é ver o que se pode mudar em nós mesmos para ajudar na superação do problema e se trabalhar nesse sentido.

Finalmente, na comunicação verbal devem ser evitados os subterfúgios das segundas e terceiras intenções, pois elas só atrapalham porque escondem ou mascaram o que você realmente quer. Ao contrário, seja claro e direto, trabalhe sempre na primeira intenção que deve ser destacada e esclarecida.

Também não coloque a fonte da sua felicidade numa só pessoa, numa só atividade ou num só objeto, porque eles podem faltar e aí se estará condenado à infelicidade. Valorize o outro/outra como importante fonte da sua felicidade, mas não como única, pois isso supervaloriza o outro e limita e reduz o seu potencial de oportunidade para ser feliz.

*Márcio Generoso
Fonseca – MFC-RJ*

